

PREÂMBULO

A SOCIEDADE E O COMPORTAMENTO INDIVIDUAL

Pesquisas interculturais realizadas em vários países pelo antropólogo Joseph Henrich, da Universidade de Harvard e pelo Dr. Simon Gaetcher, da Universidade de Nottingham demonstram que a cultura e a sociedade influenciam, sobremaneira, as preferências, o comportamento e a conduta moral dos indivíduos. A honestidade é um traço valorizado em todo o mundo, independente da cultura, mas nos países com altas taxas de corrupção, subornos, fraudes políticas, evasão fiscal (sonegação) ela declina. Quanto mais as regras são violadas em um país, mais altas as chances dos habitantes assim agirem, no sentido de ganharem vantagens financeiras e extraírem benefícios pessoais indevidos.

A corrupção, segundo os pesquisadores, é um problema grave, contagioso, pois, além dos danos econômicos, ela corrompe a sociedade, estimula a fraude. As pessoas são mais dadas à desonestidade, quando estimuladas pelos (maus) exemplos vigentes, oriundos em especial das autoridades, optando por agir acompanhadas (atuação em grupos) do que sozinhas. “A desonestidade de quebrar uma regra vem de seu ambiente social”, diz o Dr. Simon Gaetcher.

Tais estudos desmentem, dessa forma, a tese de que o indivíduo é quem influencia a sociedade. Quanto maior o exercício da cidadania, maior o combate à corrupção, à ilicitude, a impunidade, menor a prevalência das regras serem violadas.

À distância para chegar mais perto

O distanciamento social trouxe... proximidade tecnológica. Mais do que nunca, educação e aprendizado via conexões cibernéticas ocupam um espaço importante nas interações cotidianas. E são, em si, evoluções de técnicas anteriores, que remontam ainda ao início do século XX. Antes do Ensino à Distância Online, houve o aprendizado via correspondência, a transmissão de conhecimentos via cursos televisivos... O pesquisador e professor Marcus Santiago conta essa trajetória em detalhes.

página 4

De onde vêm os Oliveira?

Descobrir suas origens não é tarefa das mais fáceis. Muito embora falar em uma “árvore genealógica” seja até comum, raro encontrar aqueles que desbravam muito além dos “galhos” de tataravós e descobrem, por fim, a semente de onde sua família brotou. Em especial publicado no nosso boletim, Vinícius da Mata Oliveira destrincha a trajetória de seus ancestrais passando pelos Sacramento, de Paula, Cunha...

Pág. 6



Todo mundo conhece ao menos uma cantiga de roda. O que isso significa? Que a memória resiste, viva, mesmo ameaçada por distrações cada vez mais virtuais e reduzidas a telas. Registradas nos arquivos comunitários, impressas em livros culturais, resgatadas por pesquisadores insistentes, gravadas em mídias digitais, as tradições infantis, cheias de referências históricas, avisam que não se perdem por agora. Mas é na manifestação oral; no cantarolar entre parentes e amigos; na repetição insistente entre os que brincam, que letras cheias de ritmo e rima encantam mais gerações. Selecionamos e reproduzimos algumas nesta edição do Sabores & Saberes. Que os leitores deem vida a elas com suas famílias.

Pág. 14

ADIVINHAS

- 1 - Durante qual mês do ano as pessoas dormem menos?
- 2 - O que é o que é que sempre está no chão mas nunca se suja?
- 3 - O que é o que é que sempre está no meio da rua e de pernas para o ar?

Respostas: 1 - Fevereiro; 2 - A sua sombra; 3 - A letra u

Provérbios e Adágios

- Livra-te dos ares que te livrarei dos males.
- Cinco dedos tem a mão e nenhum deles é igual
- Com dinheiro, língua e latim vai-te do mundo até o fim
- De quem do seu foi mal despenseiro, não fies o teu dinheiro
- Dinheiro não dá em árvore, nem cai do céu
- Poderoso cavaleiro é o dom dinheiro
- Dito sem feito não tem proveito (Dizer e não fazer não comem à mesma mesa)

Para refletir

- O que ocultamos é o que importa, é o que somos. *(Lúcio Cardoso)*
- Não há nada mais fascinante para o ser humano do que o próprio homem. *(Sófocles)*
- Educação não é encher um balde, mas acender uma vela. *(William Butler Yeats)*
- Ser professor é ser condutor de almas e sonhos, é lapidar diamantes *(Gabriel Chalita)*
- As árvores querem ficar quietas, mas o vento não deixa *(Provérbio chinês)*
- É somente por amor àqueles que não tem esperança que a esperança nos é dada. *(Walter Benjamim)*

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos

a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO
APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

AO PÉ DA FOGUEIRA

O FILA

Era um daqueles filas tigrados, diziam os entendidos, legítimo, de genuína raça. Escuro com malhas pintalgadas no cangote e pelagem. Por nome, Caudilho, dado com desprezo pelo dono, que tinha incontáveis arrepios, total aversão a ditadores, em especial os latinos, da estirpe de Perón, Vargas, Somoza, Trujillo, Stroesner e tantos outros sanguinários infestadores deste nosso sofrido continente.

Viera filhotinho dos lados de Prados ou Dores de Campos, presente de um arriero daquelas bandas, que arranchava, duas vezes ao ano, pela fazenda. Por ali crescido, encorpado, com algum adestramento, Caudilho tornara-se o maioral dentre a cachorrada da fazenda e vizinhanças. E dos maus, impondo-se pela força e astúcia a todos daquele entorno. Companheiro de primeira, linha de frente no manejo do gado, fosse no curral ou nas invernadas. Sentinela diuturno, por aqueles terreiros, bicho nenhum botava bronca – até onça pintada miava de longe, borrava-se toda, tamanha raiva. Daí a tempos, para pasmo de todos, o fila enlanguesceu, esmoreceu, aposentou por conta própria, de vez. Pachorrento, sonolento, o rebuliço das reses, o relinchar dos cavalos arreados, a presença de intrusos, não mais o atraíam. Chamados, apelos dos peões por mais insistentes, não o convenciam. À noite, fazenda desguarnecida, a bicharada – até os de dois pés - passaram a fazer festa, conquanto o vigia abandonara, escancaradamente, o posto. Dera, enfim, por tomar um chá de sumiço, não sendo visto, durante horas e horas – e até dias - pelas adjacências. – Deve estar dormindo aí pelo pomar, sentenciavam alguns dos trabalhadores.

Por aqueles tempos, o assunto ganhara força, foros de gravidade. Gado estava sendo atacado e morto em algumas fazendas das redondezas, algumas há léguas distantes. Prejuízo dos mais graúdos. As suspeitas recaíram, de início, sobre onças ou mesmo cães errantes. Alguém, certa feita, comentou com o proprietário: - Não quero me comprometer, mas estão propalando que um de seus cachorros, o Caudilho, está envolvido com a mortandade de gado.

- Impossível. Ele fica deitado, refastelado, o tempo todo aí pelo curral.

- O cachorro – prosseguiu o informante - em companhia de outros, está fustigando e matando reses na volta do dia ou no entardecer e mesmo à noite. O Caudilho já foi visto, por vezes, pode-se dizer com a boca na botija, nas proximidades do Rochedo, pelas bandas da Micaela, do Cajuru, Ouro Fino, Jacarandira, atacando até bois de porte, vários gravemente feridos, até mortos, quando no estouro, caíram numa ribanceira...

Embora descrente, na dúvida, o fazendeiro designou pessoas para vigiar, rastrear os passos de Caudilho. Não deu outra. Tão logo principiava a tarde, Caudilho saía de sua hibernar sonolência, esticava as patas, farejava o ar e zás...Carreira pela ínvia estrada, em direção a pastos de fazendas próximas e distanciadas. O cão, por ironia ou coincidência, tinha assimilado as características cruentas do próprio nome!...

– Para Caudilho, só mesmo bala, acabou por sentenciar o dono.

Um tiro de carabina, unzinho só, bem no meio da testa, ali detrás do velho paiol, resolveu a situação.



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



UM HOMEM À BEIRA DA ESTRADA

Três amigos seguiam por uma estrada de pouca movimentação, quando avistaram, à distância, um homem sentado à beira do caminho. Começaram a confabular entre si:

- Certamente, ele se perdeu e aguarda a passagem de alguém, algum viajante, para orientá-lo, declarou um dos homens.

- Decerto que ele, após viajar vários quilômetros, sentou-se para descansar, apenas isso – opinou o segundo.

- Vocês estão equivocados. Ele deve estar aguardando algum amigo das redondezas, a fim de prosseguirem juntos o percurso, manifestou o terceiro deles.

Nesse ínterim, aproximaram-se do desconhecido que permanecia, tranquilamente, sentado e a quem cumprimentaram, passando a interroga-lo.

- Você, acaso, se perdeu? inquiriu um dos homens

- Não, de forma alguma. Conheço muito bem o caminho, respondeu o desconhecido

- Sentiu-se, então, mal ou demasiadamente cansado? perguntou o segundo

- Não, estou muito bem, tornou a responder o homem ali, serenamente, sentado.

- Está aguardando algum amigo? indagou o terceiro

- Não, de modo geral, viajo sozinho.

Intrigados os três companheiros indagaram ao mesmo tempo:

- Então, o que você faz aqui?

Com um sorriso de tranquilidade, quase beatífico, o homem respondeu:

- Amigos, simplesmente estou aqui! Nada mais do que isso!

(Da tradição zen)

Lição: Cada pessoa dispõe de um mundo e de dimensões internas e subjetivas próprias e que devem ser vividas, respeitadas. E, dessa forma, não fazemos dramas, não sentimo-nos ofendidos, quando formos questionados ou discordarem de nós.



SEM CUSTOS...

Na década de 1980, um grupo de abnegados médicos se reuniram em sociedade e construíram um hospital de referência em Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais, a quem deram o nome de “Albert Sabin” em homenagem ao sábio e pesquisador polonês que descobriu a vacina oral contra a poliomielite.

Alguém sugeriu fosse convidado o próprio Dr. Sabin (1906-1993) para a inauguração do moderno estabelecimento hospitalar, ideia que foi recebida com perplexidade e caçoadas.

- “O quê?!”, exclamaram, ao mesmo tempo, os presentes. “Ele, se vier, cobrará uma fortuna!”

De posse do endereço e telefone do Dr. Sabin nos Estados Unidos, um dos médicos ligou, falando diretamente com o famoso cientista, então já na casa dos 80 anos e utilizando-se de bengala para se locomover, perguntando-lhe quanto o mesmo cobraria para vir à inauguração no Brasil.

- “Bastam duas passagens de carreira e não precisam se preocupar com a hospedagem, pois quando vou ao Brasil, fico em casa dos parentes de minha esposa, que é brasileira, no Rio de Janeiro”, esclareceu o notável benfeitor da Humanidade.

Assim ocorreu. Dr. Sabin viajou de avião, hospedou-se com os familiares de sua esposa brasileira no Rio de Janeiro, veio a Minas, assistiu à inauguração e em meio às justas homenagens que lhe foram prestadas, proferiu emocionado discurso, retornando, a seguir, aos Estados Unidos.

Notável exemplo, se comparado a qualquer mequetrefe, intitulado de artista popular, musa, qualquer beldade fabricada que se apresenta na TV, em festivais culturais, shows de discutível qualidade e que para tal, cobram realmente fortunas, em acinte à sofrida população brasileira...

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM SÃO TIAGO

Atualmente a Educação a Distância tem revolucionado o ensino em todo o mundo. No Brasil tem registro dos indícios de que o ensino à distância surgiu por volta de 1904 com anúncios de classificados de curso de datilografia por correspondência. Ao longo dos tempos o ensino à distância vai chegando até nossa região por meio do Instituto Universal Brasileiro fundado em 1941 e, após pelo Instituto Monitor (1939). Embora a data de fundação do Instituto Universal seja posterior à do Monitor a campanha de Marketing do primeiro adentrou mais em todas as regiões pelo país. A propaganda vinha nos gibis, nas antigas revistas que tratavam da vida dos famosos, novelas e astrologia com página dedicada a informações dos cursos. Muito tempo depois as propagandas passaram a vir em pequenos panfletos que são encontrados nas agências de Correios. Em São Tiago várias pessoas fizeram cursos desses institutos.

O estudo por correspondência era também chamando "a longa distância" atendia à mão de obra que quase não se tinha em cursos regulares. Praticamente o estudo oferecido era o elementar (primário) e em alguns lugares maiores já havia o ensino ginásial e colegial e alguns poucos cursos técnicos. O Instituto Universal Brasileiro e outros, no mercado, já atendiam a demanda de cursos de mão de obra, inclusive muitos começaram seus negócios com esses aprendizados em

consertos de rádio, televisão, mecânica geral, chaveiro, corte e costura, dentre outros. E havia formação também para atuar na área da saúde como o curso de auxiliar de enfermagem. Para quem não havia concluído os estudos poderia conseguir a Certificação de nível Ginásial ou Colegial por meio do "Curso de Madureza", criado após a década de 60 que destinava a preparar jovens e adultos para o exame de aferição do conhecimento curricular daqueles que não frequentaram o Ginásio e/ou Colégio para conseguir o respectivo Diploma. Só poderia fazer o exame quem tinha idade mínima para cada etapa, Ginásial (16 anos) e colegial (19 anos). Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1969 facilitou para que os alunos estudassem tudo por correspondência e só fossem nos estabelecimentos de ensino entregar atividades e fazer as provas. Depois passou tudo para o método por correspondência. Muitos tiveram sucesso estudando sozinhos em casa. O Diploma de Madureza Ginásial ou Colegial ajudou muitas pessoas a concluírem a formação básica, ingressar no mercado de trabalho e nos cursos superiores. Muitos tiveram que fazer esse curso devido não terem tido oportunidade de estudar no "tempo certo" ou as cidades não terem cursos regulares e às vezes nem escolas.

Hoje os estabelecimentos de educação básica se multiplicaram, os antigos cursos de Supletivo de 1º e 2º Graus, respectivamente Ensino Fundamental e Médio, existem de forma presencial e a distância com o nome de "EJA - Educação de Jovens e Adultos". Em São Tiago e região muitos ex-alunos se beneficiaram com a capacitação dos cursos dos Institutos Universal Brasileiro, Monitor e Padre Reus desde cursos de formação básica aos de suplência escolar.

O Método de Alfabetização de Base Dom Bosco criado pelo saudoso educador Pe. Tiago de Almeida (Pe. Tiaguinho), natural de São Tiago, embora um meio de alfabetização e letramento com atividades presenciais, ele também era ministrado pela TV Cultura/Tupi através da apresentadora e professora Bibi Ferreira como outros de aplicando



método.

Por volta de 2002, por iniciativa do Departamento Municipal de Educação apoiado pela Prefeitura de São Tiago e com a participação do SENAI foi implantado o curso Supletivo Telecurso 2000 para pessoas interessadas em concluir as séries finais do Ensino Fundamental. O curso começou com 84 alunos matriculados. Uma professora coordenava as vídeos-aulas e discutiam os conteúdos com os alunos. Para a conclusão de curso deveriam ir em São João del-Rei fazer as provas.

O ensino a longa distância que se tornou a "Educação a Distância" famosa "EaD" tem ajudado a muitos que não tem condições de frequentar um curso regular, diariamente, por motivos pessoais, familiares; não ter próximo de casa instituições de ensino ou ainda por estarem em regiões do país distantes dos grandes centros. As vantagens da EaD são: a flexibilidade do aluno organizar seus horários e locais para estudar de acordo com seu tempo, assim concilia o trabalho e estudos. Tem acesso a materiais impressos, vídeo-aulas pela internet no ambiente virtual de aprendizagem. Tem a possibilidade de interação com professores e colegas. Preço acessível, além de economizar tempo e dinheiro. É necessário que o aluno organize seu tempo de estudos, tenha disciplina, destine momentos para realização de leituras e para fazer as atividades. Os cursos estão em quase todas as cidades brasileiras e agora algumas faculdades possibilitando que os cursos sejam oferecidos para pessoas que moram no exterior. Ao final do curso, nos certificados ou diplomas não vem escrito que foi feito à distância, a formação tem a mesma validade que a presencial, sendo necessário que apenas a instituição de ensino tenha credenciamento e seus cursos sejam reconhecidos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Os primeiros cursos superiores na modalidade à distância oferecidos em São Tiago foram: a pós-graduação em Psicopedagogia da Universidade FUMEC de Belo Horizonte (2005) e os de graduação em Pedagogia, História e Geografia da FINOM - Faculdade do Noroeste de Minas (Paracatu/MG) de 2006 até 2011. Depois de ter sido fundado em outubro de 2006 o Núcleo de Educação a Distância de São Tiago foram feitas parecerias com institutos e faculdades para oferta de cursos de pós-graduação para atender a demanda do mercado de trabalho. Atualmente, desde 2014, existe um Polo Virtual da Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), em São Tiago com vários cursos de graduação à distância.

Com a Educação a Distância, o conhecimento passou a ser acessível a todos, antes não se estudava por falta de tempo e outras questões. Agora existe a possibilidade de voltar a estudar e obter o tão sonhado Diploma e começar a vislumbrar um futuro que se abrirá pela frente. Seja à distância ou presencial a educação liberta e aponta caminhos promissores.

Estude em São Tiago
GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Marcus Santiago



História dos níveis de Ensino de São Tiago

Na cidade de São Tiago a educação desde os seus primórdios sempre foi levada muito a sério. As autoridades, antigamente, antes de ter as atuais instituições de ensino, lutaram com afinco para que todos tivessem a educação básica bem feita e consolidada para que nas próximas etapas seus alunos pudessem deslanchar nos processos seletivos para o ingresso no ensino superior e nos cursos de formação técnica, além de desenvolver habilidades e competências onde fossem trabalhar.

A 23 de outubro de 1878, registra-se no distrito de São Tiago, a criação de uma cadeira de instrução primária para o sexo feminino com aulas ministradas pela Sra. Ana Virgínia de Andrade (Dona Sinhá). Porém pela imprecisão de data, não deixamos de lembrar da instalação da cadeira de ensino para o sexo masculino que era ministrado pelo professor Sr. João Batista Ferreira esposo de Dona Sinhá.

Com o passar dos tempos professores leigos vão atendendo as pessoas em fazendas com o ensino primário elementar. Pela imposição constitucional do ensino público e gratuito, os Estados e os Municípios obrigatoriamente foram criando os seus sistemas de ensino. Por volta de 1916, cidadãos comprometidos com vários seguimentos da sociedade são-tiaguense, numa época de parcos recursos, resolveram juntos levar adiante o sonho do Grupo Escolar de São Tiago que depois foi batizado como Grupo Escolar "Afonso Pena Júnior". No dia 19/03/1917 foi feito o lançamento da pedra fundamental e a instalação solene em 27/02/1927.

Aos poucos vão surgindo as escolas rurais da rede estadual de ensino, em espaços organizados pelos fazendeiros e sítiantes que requeriam ao Estado a criação dessas escolas



para estudar seus filhos e de outras pessoas. As escolas municipais na zona rural surgem somente a partir de 1948, criadas pela Prefeitura de Bom Sucesso, quando o antigo distrito pertencia àquele município. Era oferecido até o 3º ano primário, para "tirar o diploma do primário" era preciso cursar o 4º ano no Grupo Escolar "Afonso Pena Júnior" e ao final realizar uma prova especial.

Vendo a necessidade de estender o nível de ensino para jovens, alguns são-tiaguenses, que tinham melhores condições conseguiam estudar nos ginásios e colégios de cidades mais desenvolvidas como Oliveira, São João del-Rei, Juiz de Fora, Belo Horizonte, Divinópolis, Itaipicica etc. As moças sempre eram encaminhadas para o curso ginásial e de formação de professores primários em colégios confessionais da região, Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora de Oliveira, respectivamente São João del-Rei e Oliveira, tradicionais e de renome no quesito de Magistério de 2º Grau.

No final de década de 50 foi criado o Ginásio Santiaguense por vários cidadãos comprometidos com a educação, encabeçado pelo saudoso Monsenhor Francisco Eloi de Oliveira. Desse modo, não precisava das pessoas saírem de São Tiago para fazer o ginásio. Mas para o ingresso, necessitava fazer um processo seletivo como se fosse um "Vestibular" e o nome desse era "Admissão". O exame foi criado pelo Decreto nº 19.890, de 18/04/1931 que reformou o ensino secundário. Assim, antes de ingressar no 1º ano o candidato deveria ter 11 anos, ser aprovado no exame do curso de admissão com nota suficiente e ter o número de vagas disponíveis no curso ginásial. Muitos alunos precisavam ter aulas particulares para se preparar melhor, pois a havia grande concorrência com alunos da cidade e da região que vinham pleitear uma vaga. Os exames de conhecimentos gerais eram compostos das matérias de Português, Matemática, Ciências, História e Geografia. Havia casos de alunos que somente com o curso primário do Grupo "Afonso Pena Júnior", se saíam muito bem. Alunos reprovados no curso de admissão tinham que se preparar o ano todo novamente para tentar o ingresso no ano vindouro. Essa prática durou até 1971.

Neste mesmo interim surge o curso de Magistério e o Ginásio passa a denominar-se "Colégio Normal Santiaguense" vinculado à CNEC-Campanha Nacional das Escolas da Comunidade.

Para atender à demanda da escolarização para quem não teve condições de estudar no tempo certo, foram surgindo alguns movimentos um criado pelo governo militar, o "MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização", em 1967, com o objetivo de alfabetizar funcionalmente e possibilitar a continuidade dos estudos a alunos fora da faixa etária. O MOBRAL continuou até a década de 1980. Em São Tiago houve também a aplicação do MOBRAL juntamente com os cursos de capacitação profissional.

Em 1971 a Lei de Diretrizes e Bases criou o ensino supletivo para alunos sem tempo de frequentar um curso regular e fora da faixa etária. Pessoas de São Tiago e região interessadas em concluir seus estudos se dirigiam ao Centro de Estudos de 1º e 2º Graus "Professor José Américo da Costa" de São João del-Rei faziam a matrícula, assistiam algumas aulas, traziam livros para casa depois voltava à sede, tirava dúvidas e prestavam os exames supletivos. Neste mesmo ano, duas professoras, Dulcinéia Marques e Zélia Campos tiveram a ideia de fundar em São Tiago uma Escolinha de Pré-Escolar a fim de atender

a demanda da comunidade. A necessidade se deu em função de que na rede estadual não havia vagas, pois não se tinha espaço. A escolinha funcionou por alguns anos onde é a atual sede dos Correios e possibilitou que os alunos não ficassem atrasados com as habilidades e competências que são devidas do maternal, antes do ingresso no 1º ano.

Em 1979 gradativamente o Grupo Escolar já Escola Estadual "Afonso Pena Júnior" conseguia a extensão de séries e aos poucos a cada ano vai sendo aprovada a série seguinte e, é extinto o curso Ginásial. A Escola da Comunidade Santiaguense-CNEC fica apenas com o curso Normal. Em 1986 o 2º Grau, atual Ensino Médio, foi atualizado passando aos cuidados da rede estadual de ensino criando a Escola Estadual "São Francisco de Assis" com a continuidade do curso Ensino Médio Normal habilitação de Magistério de 1º Grau até 1998. Em 1993 foi criado o Ensino Médio Comum Geral, antigo "Científico", sem habilitação profissional.

A comunidade tendo a necessidade de fundar uma Escola de Educação Especial contou com a grande apoio e orientações do Pe. Luiz Zver, Diretor da APAE de São João del-Rei. Assim foi criada no ano de 1985 a tão sonhada Escola de Educação Especial. Para levar adiante o empreendimento contou-se com os esforços, doações e boa vontade de muitas pessoas da cidade. A escola iniciou suas atividades em salas cedidas pela Paróquia de São Tiago, no Albergue São Francisco de Assis depois, no Conjunto Nossa Senhora Aparecida e, em seguida para sua sede atual no antigo prédio da CNEC, à Rua São José, 55, Centro.

Em 1992 foi criado curso regular de suplência da Escola Municipal "Idefonsina Lopes da Silva" para as séries iniciais do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série), funcionado no prédio da APAE/Conjunto Nossa Senhora Aparecida e depois no antigo prédio do Comitê "Otávio Leal Pacheco".

No ano de 1994 foi criada a Escola de Artes "Arco-Iris" sob a direção do Prof. Vicente Martins (Vick) que recebia crianças e adolescentes de diversas idades. Extinguiu-se em 1996.

O tempo foi passando e foram surgindo outras instituições de ensino, oferecendo cursos básicos de inglês e informática. O primeiro curso de Informática de São Tiago foi oferecido por uma empresa educacional de Bom Sucesso (1996). Depois tivemos a Prisma Informática organizada pelas irmãs Denise e Renata Mendes que ficou por muito tempo na cidade oferecendo cursos de computação desde 1997.



A partir de determinada época o governo estadual remeteu aos municípios, a educação pré-escolar e parte dos anos iniciais do ensino fundamental. Em 26 de fevereiro de 1992, criou-se em São Tiago pela Prefeitura Municipal o Pré-Escolar "Carrossel" funcionando com 1º, 2º e 3º períodos no prédio "Otávio Leal Pacheco". Anos depois em 2003 foi fundado o Centro de Educação Infantil "Recanto Feliz" (creche e pré-escola), funcionando

do por alguns anos no prédio do Instituto Educacional "São Tiago Apóstolo". Atualmente tem sua sede no Cerrado à Rua Benjamim Amadeu de Almeida, 540.

Ano de 2000 foi marcado pelo encerramento da Escola Estadual "São Francisco de Assis", sendo o ensino médio transferido para Escola "Afonso Pena Júnior" com início das atividades escolares em 2001. Com isso e aos poucos a Escola Estadual "Afonso Pena Júnior" foi ampliando a sua estrutura e atendendo às demandas do alunado do 6º ao 3º ano do Ensino Médio. Paralelo ao ensino regular ofereceu por muitos anos a EJA - Educação de Jovens e Adultos para turmas do Ensino Fundamental e Médio. Em 2012 passa a oferecer os cursos técnicos (Informática e Contabilidade) inicialmente pelo PRONATEC e depois pela Rede Estadual de Ensino. Hoje oferecendo apenas o curso Técnico em Administração.

Em 2001, foi criada a Escola "Easy English" sendo assim o primeiro curso de língua inglesa de São Tiago.

Com vistas a preparar o alunado são-tiaguense para ingresso nas instituições de ensino superior da região em 2002 o Departamento de Educação da Prefeitura Municipal de São Tiago fez um convênio com o curso Pré-Vestibular Revisão de São João del-Rei. As aulas eram ministradas no prédio da APAE.

Em parceria com o Governo Federal "Brasil Alfabetizado", a Prefeitura Municipal de São Tiago desenvolveu projetos educacionais para jovens e adultos que ainda não havia concluído as séries iniciais do Ensino Fundamental. O projeto da EJA - Educação de Jovens e Adultos teve início em 2004, em três unidades, sendo elas nos bairros: Cerrado, Cruzeiro e no Povoado Germinal. Foi extinto alguns anos depois.

Não existindo mais a formação de professores em nível médio, foi criada uma cadeira do Ensino Superior em 2003, sendo ofertado o curso Normal Superior da Faculdade de Estudos Sociais de São Tiago pertencente à Universidade Presidente Antônio Carlos (UNI-PAC). Funcionou de 2003 a 2008.

No ano de 2008 foi criado pela Fundação Presidente Antônio Carlos o "Centro Técnico de São Tiago" oferecendo o curso Técnico em Segurança do Trabalho formando uma turma.

Para o desenvolvimento dos talentos e dons musicais foi criado em 2006 pelo governo municipal o Centro Artístico e Cultural "Antônio Evangelista Teixeira" que funciona no antigo prédio do Orfanato Santo Antônio no Cerrado. São executados os projetos sociais e de ensino da música e de instrumentos musicais, além de atividades culturais diversas para crianças e adolescentes da cidade.



A História dos Oliveira

Vinicius da Mata Oliveira (vinicius.thor@gmail.com)

Muito se tem falado sobre a origem do sobrenome Oliveira na família, mas até então, pouco se tinha realmente de concreto acerca de nossas origens. Alguns diziam, que a origem do sobrenome da família estava em uma fazenda denominada Oliveira, propriedade de José Caetano Rodrigues, pai do Coronel Antônio Carlos de Oliveira; não é uma informação de todo incorreta, pois de fato José Caetano era proprietário de uma fazenda com esse nome, como veremos a seguir, mas as origens do sobrenome remontam muito anteriormente a isso!

Querem outros dizer, que a progênie de nossa genealogia está em famílias de cristãos novos, como eram conhecidas as pessoas recentemente conversas ao cristianismo, vindas de outras religiões, especialmente do judaísmo e islamismo, na época das inquisições espanhola e portuguesa, pelo fato dessas pessoas adotarem sobrenomes de árvores e animais. Não há nada de mais falso nessas afirmações, aliás, tem se tornado muito comum em quem inicia seus estudos genealógicos, ou leigos no assunto, afirmar que sobrenomes que fazem alusão à árvores (Oliveira, Carvalho, Nogueira, Castanheira, etc.), e a animais (Coelho, Bezerra, Leão, Falcão, etc.), teriam como origem nesses cristãos novos, não há nada que sustente isso, e no ato de serem batizados, os cristãos novos poderiam adotar diferentes sobrenomes, sem que houvesse qualquer lei ou costume que regulamentasse isso.

Outro ponto importante que marcam os estudos genealógicos, e por vezes ignorado, é a constante atenção na onomástica de cada família. Nomes e sobrenomes, e suas repetições, apesar de não auferir uma prova clara, pode servir como forte indício de que tal indivíduo pertence a tal família, e a extravagante onomástica ibérica, traduz isso muito bem. Em termos de nomes e sobrenomes, e dentro da conjuntura da antropônimo portuguesa, e se pegarmos como recorte histórico, desde a obrigatoriedade dos registros paroquiais com o Concílio de Trento em 1563, na sua XXIV Sessão de 11 de novembro desse ano, até a universalização do registro civil no Brasil em 01º de janeiro de 1889, em função do decreto 9.886 de 07 de março de 1888, nunca houve nada que regulasse ou normalizasse o uso de sobrenomes em todo o domínio português, e posterior Império do Brasil, e quiçá mesmo em períodos posteriores a isso.

O uso da adoção do sobrenome do marido pela mulher, só foi se tornar norma com a instituição do registro civil, e mesmo assim, dentro da lei do registro civil, não havia nada que garantisse isso, sendo essa prática uma influência cultural francesa, tão em voga por aqueles tempos, e já em meados do século XX sendo completamente aceita. A ordem e adoção dos sobrenomes, também nunca foi um consenso dentro do contexto do mundo português no período citado, podendo haver casos de irmãos com sobrenomes completamente diferentes, sem inclusive adotar qualquer sobrenome de seus pais, mas os indo buscar em sua ancestralidade, em avós, bisavós, trisavós, e até mesmo em gerações mais recuadas, como inclusive veremos na família Oliveira. O uso do sobrenome da mãe, ou dos sobrenomes da família materna pelas filhas, e o uso do sobrenome do pai, ou dos sobrenomes da família paterna pelos filhos, poderia ser uma constante, mas nunca algo em via de regra, podendo inclusive as filhas adotarem os sobrenomes da família materna do pai, e os filhos fazerem o inverso, sobrenomes com alguma projeção social, poderiam ser preferidos também, mas o interessante é que os motivos poderiam ser os mais diversos. Especialmente já no século XVIII, e dentro das famílias nobres e burguesas enriquecidas e enobrecidas, se popularizaria o costume de ir mantendo em cada membro da família, os vários sobrenomes, criando nomes longos e sonoros, o que não deixava de ser uma marca de poder e prestígio, diga-se de passagem, nomes e sobrenomes também serviam como reafirmação de status e influência, o sendo ainda hoje, que dirá em tempos das sociedades da era moderna, tão marcada por alvarás e cartas de fidalguia.

Mas mesmo dentre as mais simples e humildes famílias, predominava também a inexistência de qualquer regra que estipulasse o uso dos sobrenomes, sendo inclusive nas mais afastadas freguesias rurais portuguesas, ainda frequente o uso de patronímicos, quando o filho adotava um sobrenome formado a partir do nome do pai (como exemplo um Pedro da Silva, poderia ter um filho chamado Martinho Pires, sendo Pires, um patronímico de Pedro, e por sua vez, Martinho poderia ter um filho chamado João Martins, sendo Martins, filho de Martinho, e tantos outros casos de sobrenomes patronímicos como Lopes, Nunes, Vasques, Mendes, Gonçalves, etc., sendo a partícula -es, significado de filho de), costume esse que vinha desde a Alta Idade Média, mas que já estava em completo desuso no período desse recorte histórico, com exceção desses casos esporádicos. Fato é, que parece que havia uma oralidade e cultura familiar, que ao longo das gerações mantinha viva a memória dos antepassados, podendo fazer esse resgate dos sobrenomes de gerações já tão há muito passadas, não é à toa que genealogia é ainda algo tão tradicional em Portugal.

Há que se lembrar também, que principalmente ao longo dos séculos XVII e XVIII, havia dentro da sociedade portuguesa e de seus domínios, e no âmago da instituição inquisitorial, uma clara distinção social entre cristãos velhos e cristãos novos, que ao longo daqueles dois séculos serviu de base para constantes atritos envolvendo famílias. Era uma acusação grave ser acusado de cristão novo,

infilmando uma pesada mácula sobre a pessoa acusada e sua família, e ainda passivo de serem perseguidos e sentenciados pelo Tribunal do Santo Ofício, um estigma que poderia persistir por gerações, e extinguir qualquer possibilidade de mobilidade social e enobrecimento. Curiosamente, o ingresso em ordens militares, habilitações às ordens sacras, e mesmo nos quadros da Inquisição, como aos postos de familiares do Santo Ofício, se dependia de um rigoroso processo de averiguação das origens do habilitando, não só familiares, como também de costumes, para verificação se seria "cristão velho e limpo de toda a raça de infecta nação", como diziam os documentos burocráticos nos processos de inquirição.

Por aqui se vê como a genealogia também já esteve atrelada a um processo de dominação e controle, onde as relações sociais perpassavam em um conceito de diferenciação, e mesmo exclusão, baseado nas origens familiares, e como isso ditava de forma profunda o status quo de toda uma sociedade e de seu tempo, não sem motivo, o fato de se acusar alguém de cristão novo, foi também largamente utilizado em simples contendas, unicamente com propósitos pessoais por motivos de desavenças e desqualificações, quando inclusive nem havia sequer rumor de serem cristãos novos, sendo que nem mesmo famílias da alta nobreza escaparam de tais atos, e também não à toa, foi uma época em que fervilharam os chamados nobiliários, cada qual tentando enaltecer suas respectivas linhagens, alguns até bem suspeitos e fraudulentos, mas que expressam bem toda a mentalidade de uma época; diferenciação essa que só seria abolida já na segunda metade do século XVIII, no contexto do despotismo esclarecido do Marquês de Pombal, extinguindo as distinções entre cristãos velhos e cristão novos.

Em meio a isso tudo, estão as mais remotas origens da família Oliveira a qual consegui rastrear, família com origens açorianas, como tantas outras que povoaram Minas Gerais ao longo do século XVIII, dentro do projeto de povoamento do território brasileiro empreendido pela Coroa portuguesa, visando o impedimento de invasão territorial por outras potências europeias, inclusive dos vizinhos do império espanhol, a imigração açoriana teve papel de destaque nessa empreitada, favorecida pela crise econômica, pobreza e abalos sísmicos que afetavam as ilhas atlânticas.

1- Infelizmente pouco se sabe sobre o seu mais antigo membro, e o que podemos supor, é que poderia ser empregado na agricultura, no rebanho de animais, ou mesmo mareante de pesca, atividades tão comuns para aquela região, ou até mesmo qualquer atividade que exigisse as necessidades daquela época, teve início essa família em um certo **Francisco de Oliveira**, nascido por volta de 1660, era casado com **Maria Gregório**, e foram moradores na freguesia de Nossa Senhora da Piedade, no concelho de Lajes do Pico, na Ilha do Pico, a segunda maior ilha dos Açores, que deve seu nome a uma montanha vulcânica. Tiveram duas filhas conhecidas:

2.1- Maria Silveira, que segue;

2.2- Páscoa Silveira, nascida na freguesia de Cedros, concelho de Horta, na Ilha do Faial, onde foi batizada em 21 de maio de 1695, foi casada com Manoel Machado, falecido em 14 de julho de 1742, na freguesia das Angústias, concelho de Horta, na Ilha do Faial.

2.1- Maria Silveira, nascida por volta de 1687 na freguesia da Piedade, e batizada na Igreja de Nossa Senhora da mesma freguesia da Piedade, na Ilha do Pico, em um clássico exemplo em que a pessoa não adota nenhum sobrenome dos pais, mas sim de algum antepassado, casou-se na Igreja de Nossa Senhora da Luz, na freguesia de Flamengos, concelho de Horta, na Ilha do Faial, aos 12 de novembro de 1707 com Manoel Dutra, apelidado nos paroquiais de "Trombas", filho de José Dutra e de Maria Leal, e batizado aos 08 de dezembro de 1683 na freguesia de Flamengos. Manoel faleceu aos 14 de dezembro de 1745, e Maria faleceu em 29 de dezembro de 1763, ambos na dita freguesia de Flamengos. Tiveram os seguintes filhos:

3.1- Antônio Dutra, nascido em 31 de outubro de 1708 na freguesia de Flamengos, foi batizado aos 04 de novembro do mesmo ano, casou-se também em Flamengos, em 03 de maio de 1734 com Teresa Maria, daí também natural, e filha de José Luís e de Isabel Machado, com descendência;

3.2- José Dutra, que segue;

3.3- João, nascido em 14 de julho de 1717 na freguesia de Flamengos, foi batizado aos 17 de julho do mesmo ano;

3.4- Maria, nascida em 21 de janeiro de 1720 na freguesia de Flamengos, foi batizada aos 04 de fevereiro do mesmo ano;

3.5- Ana, nascida em 26 de fevereiro de 1725 na freguesia de Flamengos, foi batizada aos 03 de março do mesmo ano;

3.6- José, segundo de nome, nascido em 28 de outubro de 1730 na freguesia de Flamengos, foi batizado aos 05 de novembro do mesmo ano.

3.2- José Dutra, nascido em 12 de outubro de 1711 na freguesia de Flamengos, foi batizado aos 18 dias do mesmo mês. Foi o primeiro membro dessa família a vir para o Brasil, como já mencionado, naquelas grandes levadas de imigrantes portugueses que vieram ao Brasil no século XVIII, principalmente

açorianos e gente vinda do norte de Portugal. Novamente como questão onomástica, por vezes seu nome era grafado como José Dutra da Silveira, e por outras vezes como José Dutra de Oliveira, mostrando claramente que havia uma memória dos sobrenomes ancestrais, mas aqui manteve apenas José Dutra, pois era como seu nome era escrito na maioria das vezes. Já estaria no Brasil por volta de 1740, pois aos 11 de janeiro de 1744 casa-se na Capela de Nossa Senhora do Rosário e São José do Ribeirão de Alberto Dias, filial de Barbacena com a também açoriana Francisca Maria do Sacramento, em um costume frequente para essa primeira geração de açorianos no Brasil, casarem-se também com açorianos. Francisca Maria era natural da freguesia de Nossa Senhora da Conceição, no concelho de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, onde nasceu em 19 de janeiro de 1729, e foi batizada aos 26 dias do mesmo mês, seu pai era Manoel Pereira Garcia nascido em 16 de dezembro de 1699 na freguesia das Ribeiras, concelho de Lajes do Pico, na Ilha do Pico, era oficial de espadeiro, que tinha como função polir e amolar espadas, e sua mãe era Teresa de Jesus e Maria, nascida em 28 de fevereiro de 1705 na freguesia de Nossa Senhora da Luz, concelho de Santa Cruz, na Ilha Graciosa, com quem Francisca Maria veio para o Brasil com 4 anos de idade, conforme declara em seu testamento.

No Brasil, a sorte da família logo é garantida pela concessão de sesmarias, José Dutra é certamente o que recebe sesmaria em 24 de maio de 1749 no local denominado Sítio dos Gerais, para dentro da Ressaca, termo da Vila de São José, e seria também o José Dutra que recebe sesmaria em 17 de outubro de 1747, no local denominado Matos Gerais, para dentro da Ressaquinha, e certamente também o José Dutra da Silveira que recebe sesmarias em 30 de dezembro de 1761 e em 16 de janeiro de 1765 nos Matos Gerais da Ressaca, na paragem do Palmital da Pedra Menina, termo da Vila de São José. José Dutra e Francisca Maria do Sacramento foram moradores na sua fazenda dos Gerais da Ressaca, que era composta de matos virgens, capoeiras, com casas de venda, paiol, moinho, trapizonga, monjolo, tudo coberto de telha com árvores de espinho e horta, tudo avaliado em 1:600\$000, assim como capoeiras e matos virgens, uma sesmaria de meia légua, gado vacum, éguas, cavalos e porcos. José Dutra faleceu em 27 de fevereiro de 1780, sendo sepultado na Capela do Ribeirão, filial de Barbacena, e Francisca Maria do Sacramento faleceu na sua fazenda aos 20 de maio de 1798, foi amortilhada no hábito de São Francisco, e sepultada na Capela da Senhora dos Remédios, também filial de Barbacena. Tiveram os seguintes filhos:

4.1- Bernardina Caetana do Sacramento, que segue;

4.2- Leonor Maria da Assunção, nascida aos 02 de novembro de 1750, e batizada no mesmo dia na Capela de Nossa Senhora da Glória da Ressaca, filial de Barbacena, casou-se na Capela do Ribeirão em 17 de fevereiro de 1768 com Manoel Carvalho Duarte, natural de Prados, onde foi batizado em 16 de março de 1733, filho de Manoel Carvalho Duarte e de Bárbara Ferreira Brandão. Foram proprietários das fazendas da Boa Vista do Jacob, Gerais do Ressaca e Palmital da Pedra Menina, estas duas últimas, certamente de herança dos pais de Leonor. Faleceu Manoel em sua fazenda da Boa Vista do Jacob, termo de Barbacena, em 05 de janeiro de 1813, e Leonor Maria faleceu em Barbacena aos 02 de outubro de 1819, com geração;

4.3- José Dutra Pereira, nascido em 1º de abril de 1753, foi batizado na Capela de São José do Ribeirão aos 24 dias do mesmo mês, foi tutor de seus irmãos no inventário paterno, mas já não constou no inventário materno, falecido sem geração;

4.4- Anacleta Maria do Nascimento, nascida próximo a 1755, casou-se na Capela de Nossa Senhora da Glória, filial de Prados, aos 26 de fevereiro de 1770 com Manoel Gonçalves Coura, natural e batizado na freguesia de São Martinho de Coura, concelho de Paredes de Coura, distrito de Viana do Castelo, filho de Domingos Gonçalves e de Ignácia de Barros, sem mais notícias;

4.5- Antônio Dutra Nicácio, nascido aos 11 de outubro de 1764, foi batizado na Capela do Ribeirão aos 29 dias do mesmo mês, casou-se na Capela da Senhora dos Remédios em 30 de julho de 1792 com Maria Joaquina de São José, natural de Prados, e filha de Francisco Vieira da Silva e de Isabel Maria, com descendência;

4.6- Ana Teresa, nascida em 20 de março de 1766, foi batizada na Capela do Ribeirão aos 14 de abril do mesmo ano, com 14 anos no inventário paterno, não constou no inventário materno, falecida sem geração;

4.7- Maria Clara de Jesus, nascida próximo a 1768, com 12 anos no inventário paterno, casou-se na Capela da Ressaca, filial de Prados, aos 27 de novembro de 1786 com José Francisco Furtado, nascido em 12 de outubro de 1758, batizado aos 07 de novembro na Capela do Ribeirão, filial de Barbacena, filho de Antônio Dutra Correia e de Maria Furtado, com descendência;

4.8- Angélica Francisca do Sacramento, nascida próximo a 1771, com 9 anos no inventário paterno, casou-se na Ermida da Senhora da Ajuda do Castelo, filial de Barbacena, aos 18 de julho de 1791 com Jacinto José Furtado, nascido em 29 de outubro de 1760, batizado aos 16 de novembro na Capela do Ribeirão, filho de Antônio Dutra Correia e de Maria Furtado, com descendência;

4.9- Bárbara Francisca do Sacramento, nascida em 1773, batizada aos 22 de novembro desse ano na Capela da Senhora Mãe dos Homens do Bom Jardim, filial de Barbacena, casou-se na Ermida da Senhora da Ajuda do Castelo em 02 de julho de 1794 com Antônio Felisberto da Costa, filho de Antônio Pereira da Costa e de Maria Teresa de Jesus, com descendência.

4.1- Bernardina Caetana do Sacramento, nascida em 27 de outu-

bro de 1746, foi batizada na Capela do Ribeirão em 27 de novembro do mesmo ano. Fez partilha de todos os seus bens ainda em vida, reservando apenas uns poucos bons que lhe cabia de sua terça, a inexistência do inventário de seu marido também impede que descubramos, qual era o montante dos bens casal, mas conforme é declarado em seu inventário, seriam proprietários de terras sitas nos Gerais da Ressaca, partilhadas entre seus filhos José, Francisco e Joaquim, seriam também proprietários da fazenda do Pinhal, onde Bernardina ditou seu testamento, também já partilhada entre seus filhos José, Vital e Francisco, e ainda umas casas sitas no arraial de Ibitipoca, de sobrados cobertos de telha, já velhos e danificados a ponto de cair, avaliadas em 30\$000. Casou-se na Capela de São José do Ribeirão aos 22 de abril de 1761 com José Rodrigues Braga, nascido na freguesia de Moure, concelho de Vila Verde e distrito de Braga, em 05 de setembro de 1718, onde foi batizado aos 11 dias do mesmo mês, filho de João Fernandes e de Benta Rodrigues. José Rodrigues Braga faleceu em Conceição de Ibitipoca em 07 de maio de 1795 com testamento, e Bernardina Caetana do Sacramento faleceu em 02 de abril de 1825. Foi a partir de sua descendência que o sobrenome Oliveira realmente será propagado e difundido, tiveram os filhos:

5.1- Ana Teresa de São Pedro, nascida próximo a 1762, foi casada com o alferes Francisco Alves Garcia, filho de Gregório José Alves e de Catarina Maria do Espírito Santo, com descendência;

5.2- Joaquina Antônia de São José, nascida próximo a 1763, casou-se com o alferes José Alves Garcia, foram moradores na fazenda Monte Alegre, freguesia de Simão Pereira, termo de Barbacena, que se compreendia em duas sesmarias em matos virgens e algumas capoeiras avaliada em 1:200\$000, e ainda as benfeitórias da dita fazenda do Monte Alegre que se compõem de casas de vivenda térreas, paiol, senzalas, moinho, chiqueiro, tudo coberto de telha, monjolo coberto de capim, terreiro e quintal tudo cercado de madeira, que foram avaliados em 140\$000. Faleceu Joaquina Antônia na sua fazenda em 1º de maio de 1823, com descendência;

5.3- José Rodrigues de Oliveira, que segue no § 2;

5.4- Maria Angélica de Santo Inácio, nascida próximo a 1768, foi casada com Manoel Alves Antunes, faleceu em abril de 1810, e foi sepultada na Capela do Garambêu, filial de Barbacena, já era falecida no inventário materno, e foi representada por seus filhos, com descendência;

5.5- Manoel, foi batizado em Ibitipoca em 14 de outubro de 1770, faleceu aos 13 anos em 09 de março de 1784, sendo sepultado na Capela de Nossa Senhora da Conceição de Ibitipoca;

5.6- Anastácia Adriana de Jesus, nascida próximo a 1771, foi casada com o alferes João Alves Garcia, nascido em 20 de setembro de 1769, e batizado aos 04 de outubro do mesmo ano, filho de Gregório José Alves e de Catarina Maria do Espírito Santo, foram proprietários de terras no termo de Barbacena e no Rio de Janeiro, além de muitas dívidas ativas e escravos. João faleceu em 30 de julho de 1844 em sua fazenda Barra de Santana, e Anastácia Adriana faleceu em 04 de janeiro de 1830, sendo sepultada na Ermida do Senhor dos Passos do Rio Preto, com descendência;

5.7- João Rodrigues de Oliveira, nascido em 02 de outubro de 1772, foi batizado na Capela de Ibitipoca aos 12 dias do mesmo mês, casou-se em 29 de janeiro de 1794 na Capela do Livramento, filial da Matriz de Aiuruoca, hoje cidade de Liberdade, com Teodósia Alves da Cunha, nascida próximo a 1777, filha do Tenente-coronel Francisco da Cunha de Carvalho e de Ana Vitória Pereira, com descendência;

5.8- Vital Antônio de Oliveira, batizado em 14 de maio de 1774 na Capela da Conceição de Ibitipoca, casou-se na capela de Santana do Garambêu aos 08 de março de 1796 com Maria Narcisa de Jesus, nascida em 29 de outubro de 1769, e batizada aí nessa capela aos 13 de novembro do mesmo ano, filha de Bernardo da Costa de Mendonça e de Maria Teresa de Jesus, com descendência;

5.9- Francisco de Paula Rodrigues, que segue no § 1;

5.10- Anacleta Felisbina de Jesus, batizada em 1º de maio de 1778 na Capela de Conceição de Ibitipoca, foi casada com o capitão Francisco de Arantes Cunha, nascido em 08 de junho de 1769, e batizado aos 19 dias do mesmo mês na Capela do Varadouro, filial de Aiuruoca, filho do capitão Antônio de Arantes Marques e de Ana da Cunha de Carvalho. Foram proprietários de uma parte de terras na fazenda da Conquista, mais uma morada de casas na mesma fazenda tudo avaliado em 1:600\$000. Francisco faleceu em 1827, sendo inventariado nesse ano. Anacleta Felisbina ainda vivia em 1831, com descendência;

5.11- Bernardina Esméria do Sacramento, batizada em 24 de abril de 1780 na Capela da Conceição de Ibitipoca, casou-se nessa mesma capela aos 09 de outubro de 1797 com Francisco José do Bem, filho de Manoel José do Bem e de Teresa Maria de Jesus. Francisco faleceu em 1829, sendo inventariado nesse mesmo ano, foram proprietários da fazenda do Pori, na aplicação de São Domingos da Bocaina, termo de Barbacena, com descendência;

5.12- Joaquim Rodrigues Fernandes, batizado em 13 de setembro de 1782 na capela da Conceição de Ibitipoca, provavelmente é o casado com Ana Esméria, batizada nessa mesma capela em 30 de novembro de 1797, filha de Manoel Moreira da Silva e de Maria Jacinta da Costa, sem mais notícias;

5.13- Luísa Euquéria do Sacramento, batizada em 26 de abril de 1785 na Capela da Conceição de Ibitipoca, casou-se na Capela da Conceição de Ibitipoca aos 29 de abril de 1804 com Jacinto Gonçalves Campos, nascido

em 11 de setembro de 1766, e batizado aos 20 dias do mesmo mês na Capela do Barroso, filial de Barbacena, filho de Dionísio Gonçalves Campos e de Teresa Maria de Jesus. Foram proprietários de uma fazenda denominada Martelo, que se compõem de campos de criar, capoeiras, casas de vivenda assobradada, monjolo, moinho, paiol, tudo coberto de telha, senzalas cobertas de capim, quintal cercado de pedra com bastante arvoredos, curral também cercado de muro de pedra, avaliada em 6:400\$000, e mais no lugar da Fazenda do Penal, 22 alqueires de planta de milho de campos de criar, e 10 alqueires de planta de milho com capoeiras, que houve por herança de seus pais José Rodrigues Braga e Bernardina Caetana do Sacramento. Faleceu Jacinto em 06 de julho de 1828, com descendência.

§ 1

5.9- Francisco Rodrigues de Paula, batizado na Capela de Santa Rita de Ibitipoca em 21 de março de 1776, Capitão Francisco de Paula Rodrigues, casou-se na Capela da Conceição de Ibitipoca aos 19 de fevereiro de 1798 com Constança Claudina da Costa, aí batizada em 12 de dezembro de 1778, filha do Capitão João Rodrigues da Costa e de Felícia Maria da Fonseca, ela era sobrinha paterna do Capitão Manoel Rodrigues da Costa, familiar do Santo Ofício, e por esse seu tio, era prima direta do Pe. Manuel Rodrigues da Costa, sacerdote que esteve envolvido na Inconfidência Mineira, e que após degredo em Lisboa, esteve também envolvido nos acontecimentos que levaram ao "Dia do Fico", e posteriormente foi ainda deputado por Minas Gerais à Assembléia Constituinte de 1823. Constança era ainda sobrinha-bisneta do também Familiar do Santo Ofício Ignácio Martins do Pilar, e sua avó paterna Ignácia Pires era prima direta do igualmente Familiar João Martins do Pilar, e de seu irmão Frei Ignácio das Neves, Padre Definidor Geral, Comissário do Santo Ofício e Procurador Geral da Província Franciscana de Santo Antônio no Brasil, era portanto uma família que tinha presença aos meios de poder. Francisco já era falecido em 1844, segundo inventário de sua nora, e eram proprietários de vários bens em comum com diversos de seus filhos, que futuramente foram devidamente divididos por sua viúva. Segundo inventário de Constança, era possuidora da metade da fazenda de campo denominada Pinhal, que lhe coube em partilha no inventário que fez pelo falecimento do seu marido, que foi avaliada em 2:200\$000, mais uma fazenda de cultura denominada Laranjeiras, cuja metade pertencia à inventariada, avaliada em 2:680\$000, e por fim, a meação nas casas do arraial, avaliada em 60\$000. Faleceu Constança Claudina em sua fazenda Laranjeiras, em Conceição de Ibitipoca, aos 19 de março de 1852. Tiveram 14 filhos, cujas primeiras gerações acentuarão o costume de se casarem com primos, e se espalharão por grande parte do sudoeste e zona da mata mineira:

6.1- Francisco Rodrigues de Paula, nascido em 29 de dezembro de 1798, batizado na Capela da Conceição da Ibitipoca em 06 de janeiro de 1799, casou-se com sua prima Constança Cândida de São Joaquim, batizada em 04 de junho de 1806 na Capela do Barroso, filial de Barbacena, filha de Jacinto Gonçalves Campos e de Luísa Euquéria do Sacramento (5.13), foram moradores na fazenda Pão de Anjo, aplicação de Nossa Senhora das Dores do Rio do Peixe, município da Vila do Rio Preto, com descendência;

6.2- José Antônio de Paula, batizado na Capela de Conceição de Ibitipoca em 22 de outubro de 1800, após terem sido dispensados do impedimento de consanguinidade em 2º grau de linha transversal igual, casou-se em 1822 em Conceição de Ibitipoca, com sua prima Antônia Madalena da Cunha, batizada em 18 de julho de 1799 na Capela de Conceição de Ibitipoca, filha de José Rodrigues de Oliveira e de Ana Joaquina de São José (6.7 do § 2), foi um dos herdeiros na divisão da fazenda do Pinhal;

6.3- Felício Rodrigues de Paula, batizado na Capela da Conceição de Ibitipoca em 29 de junho de 1802, foi casado com sua prima Umbelina Vitória de São José, batizada na mesma Capela aos 04 de outubro de 1807, filha de José Rodrigues de Oliveira e de Ana Joaquina de São José (6.10 do § 2), com descendência, no registro paroquial de terras em 1856, declarou ser proprietário de trezentos alqueires de cultura no distrito do Rio do Peixe, freguesia de Ibitipoca, na antiga sesmaria da fazenda Laranjeiras, havidas por herança, troca e compra, e mais cinquenta alqueires de cultura havidos por compra;

6.4- Inocência Claudina de São José, batizada na Capela da Conceição de Ibitipoca em 08 de janeiro de 1804, casou-se com Manoel Álvares da Cunha, filho do Tenente-coronel Francisco da Cunha de Carvalho e de Ana Joaquina de São José, em 1852 era moradores em Casa Branca, província de São Paulo, com descendência;

6.5- João de Paula Rodrigues, batizado na Capela da Conceição de Ibitipoca em 21 de junho de 1805, foi casado com sua prima Luísa Lidória de São José, batizada nessa mesma Capela aos 13 de abril de 1809, filha de José Rodrigues de Oliveira e de Ana Joaquina de São José (6.11 do § 2), em 1852 eram moradores na fazenda do Bom Retiro, distrito do Espírito Santo, termo de Mar de Espanha;

6.6- Ana Olina Oloia de São José, batizada em 11 de dezembro de 1806 na Capela da Conceição de Ibitipoca, existe uma grande variedade de formas como seu nome é gravado, Ana Helena, Ana Olinda, Ana Ulina, sendo preferível esse em negrito, pois é como grafou em seu testamento. Casou-se em Conceição de Ibitipoca, em 1825, após terem sido dispensados do impedimento de consanguinidade em 2º grau lateral, com seu primo o Tenente Francisco Rodrigues da Cunha, nascido próximo a 1794, filho de José Rodrigues de Oliveira e de Ana Joaquina de São José (6.4 do § 2). Foram moradores na fazenda da

Boa Vista, no distrito de Santa Rita de Ibitipoca, onde Francisco terá falecido em 1867, ano em que se deu a partilha da fazenda, que era composta de seiscentos e vinte e quatro alqueires de campos, e cento e quarenta e oito alqueires de cultura, que foram divididos entre a viúva e os oito filhos do casal. Ana Olina faleceu nessa mesma fazenda em 28 de outubro de 1870, em seu inventário e partilha amigável, além das muitas terras, animais, casa em Ibitipoca, utensílios de prata, e dotes de seus filhos, constou ainda vinte e seis escravos, o monte-mór do inventário foi de 73:912\$890, cabendo a cada herdeiro 9:239\$111. Fez testamento, e pediu que fosse sepultada na Matriz de Ibitipoca, e envolta em hábito de São Francisco, deixou esmolas para várias igrejas, e ordenou as obrigações pias, deixou ainda sua casa nova na fazenda do Campo para seu filho Jacinto, e mais dez alqueires de terra na mesma fazenda, e por fim pediu que fossem seus testamenteiros, em primeiro lugar a seu genro Antônio Carlos de Oliveira, e em segundo lugar a seu filho Carlos Rodrigues da Cunha. Tiveram os seguintes filhos:

7.1- Simpício Rodrigues da Cunha, nascido próximo a 1826, foi casado com Floriana Carolina de São José, com descendência;

7.2- Carlos Rodrigues da Cunha, nascido próximo a 1829, casou-se em São João del Rei, em 04 de fevereiro de 1856 com Cândida Bernardina Teixeira, nascida por volta de 1839, filha do Capitão Jerônimo Ribeiro do Vale e de Francisca Bernardina Teixeira;

7.3- Maria Umbelina da Cunha, nascida próximo a 1832, após ter sido dispensada do impedimento de consanguinidade em 2º e 3º graus, casou-se 2ª vez com seu primo Elisiário Vicente Ferreira, Maria Umbelina segundo essa dispensa matrimonial, era então viúva e já tinha filhos de seu 1º casamento, sem notícias ainda de quem era;

7.4- Constança Carolina da Cunha, nascida próximo a 1835, foi casada com José Jacinto Ribeiro;

7.5- Umbelina Balduino da Cunha, nascida próximo a 1837, foi casada com João Francisco de Ávila;

7.6- Antônio Camilo da Cunha, nascido próximo a 1839, foi casado com Valentina Umbelina de Magalhães;

7.7- Jacinto Rodrigues da Cunha, nascido em Conceição de Ibitipoca em 12 de junho de 1841, foi casado com Rita de Cássia Florinda de Assis, filha de Manoel Ricardo Coelho e de Florentina Constantina de Jesus, foram moradores na fazenda do Macaco, município de Lima Duarte, após a morte de Jacinto, Rita de Cássia mudou-se para a fazenda da Laje, em Santana do Garambéu. Jacinto faleceu em 25 de dezembro de 1897, e foi sepultado no adro da Igreja de Santa Rita de Ibitipoca, com descendência;

7.8- Ignácia Cassiana da Cunha, nascida em 10 de fevereiro de 1844, e batizada na Capela da Conceição de Ibitipoca em 08 de abril do mesmo ano, foi casada com seu primo Antônio Carlos de Oliveira, que segue abaixo no § 2.

6.7- Miguel de Paula Rodrigues, nascido próximo a 1808, foi casado com Constança Cândida de São José, e em 1852 eram moradores no termo de Mar de Espanha;

6.8- Joaquim Carlos de Paula, nascido próximo a 1809, foi casado com Teresa Angélica de Vilela, foi um dos herdeiros e compradores na divisão da fazenda do Pinhal;

6.9- Luís José de Paula, batizado na Capela da Conceição de Ibitipoca em 11 de abril de 1811, foi casado com sua prima Ana Joaquina de Campos, nascida por volta de 1825, filha de Jacinto Gonçalves Campos e de Luísa Euquéria do Sacramento (5.13), foi um dos herdeiros e compradores na divisão da fazenda Laranjeiras;

6.10- Jacinto Honório de Paula, batizado em 23 de dezembro de 1813 na Capela da Conceição de Ibitipoca, foi casado primeira vez com sua prima Francisca Claudina de Paula, nascida aproximadamente em 1814, e filha de Jacinto Gonçalves Campos e de Luísa Euquéria do Sacramento (5.13), foram moradores na fazenda do Pinheirinho, na freguesia de Ibitipoca, onde Francisca Claudina faleceu em 18 de fevereiro de 1842, possuíam nesta fazenda por compra que fez, uma porção de terras avaliada em 800\$000, terras na fazenda do Martelo por herança de seu sogro avaliadas em 700\$000, uma casa de madeira roliça avaliada em 50\$000, e ainda terras na fazenda Laranjeiras que comprou a seus irmãos Felício e Inocência. Casou-se 2ª vez em Conceição de Ibitipoca, em 1843, após terem sido dispensados do impedimento de consanguinidade de 2º grau de linha transversal igual, com sua prima Constança Cândida de São Joaquim, batizada na Capela de São Domingos, filial de Barbacena, em 25 de março de 1813, filha de Manoel Moreira da Silva e de Maria Jacinta da Costa, foram moradores na fazenda Bom Sucesso, termo da cidade de Barbacena, onde Jacinto Honório terá falecido em 1849, nessa fazenda possuíam terras, com casas de sobrado, paiol, moinho, monjolo e senzalas tudo coberto de telha, avaliado em 4:500\$000, terras na fazenda do Pinheirinho, e parte da fazenda das Laranjeiras, com paiol coberto de telha, avaliado em 2:200\$000, parte da fazenda do Pinhal no campo, no valor de 600\$000, e parte das casas do arraial da Ibitipoca avaliadas em 100\$000. Posteriormente Constança Cândida ainda herdaria e compraria outras partes nas fazendas do Pinhal e Laranjeiras, com descendência;

6.11- Joaquina de Paula, nascida próximo a 1815, foi casada com seu primo Vital Antônio de Campos, batizado aos 10 de fevereiro de 1805 na Capela da Boa Vista, filial de Barbacena, filho de Jacinto Gonçalves Campos e de Luísa Euquéria do Sacramento (5.13), em 1852 eram moradores na fazenda da Ponte,

termo da cidade de Barbacena;

6.12- Francisca Cândida, nascida próximo a 1817, foi casada com Manoel Teodoro Rodrigues, sem mais notícias;

6.13- Umbelina Clovina de Paula, batizada na Capela da Conceição de Ibitipoca em 20 de outubro de 1819, foi casada com seu primo José Jacinto de campos, batizado na Capela do Faria, filial de Barbacena, aos 12 de fevereiro de 1816, filho de Jacinto Gonçalves Campos e de Luísa Euquéria do Sacramento (5.13), em 1852 eram moradores no arraial de São Jose dos Ilhéus, da cidade de Barbacena;

6.14- Ignácia Felizarda de Paula, nascida próximo a 1821, casou-se em 1844 em Conceição de Ibitipoca, com seu primo Simplicio Ferreira Campos, nascido dia 08 de março de 1818, e batizado na Capela do Barroso aos 27 dias do mesmo mês, filho de Jacinto Gonçalves Campos e de Luísa Euquéria do Sacramento (5.13), em 1852 eram moradores no arraial de São Jose dos Ilhéus, da cidade de Barbacena.

§ 2

5.3- José Rodrigues de Oliveira, nascido próximo a 1765, com 66 anos no censo de Conceição de Ibitipoca de 1831, viúvo, e morando apenas com seus doze escravos, é deste ramo que se originará o nosso sobrenome Oliveira, e vários outros. Casou-se em 20 de outubro de 1789 na Capela do Livramento, filial da Matriz de Aiuruoca, hoje cidade de Liberdade, com Ana Joaquina de São José, natural da mesma Capela do Livramento, e batizada aos 22 de abril de 1775 na Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Serranos, também filial de Aiuruoca, era filha do Tenente-coronel Francisco da Cunha de Carvalho, natural da freguesia de Molares, no concelho de Celorico de Basto, distrito de Braga, onde sua família tinha a Casa das Eiras, solar ainda existente, e era descendente das muito antigas linhagens dos Cunhas e Carvalhos, senhores de Basto, que por várias gerações tiveram presença na história de toda essa região de Portugal; e de Ana Vitória Pereira, descendente das lendárias três irmãs lhoas, que deixaram enorme descendência que hoje se espalham pelo mundo, sendo neta materna da segunda delas, de nome Júlia Maria da Caridade. O alferes José Rodrigues de Oliveira e Ana Joaquina de São José, eram proprietários de uma sorte de terras na fazenda do Salto de Ibitipoca, que era composta de matos e capoeiras, casas de vivenda cobertas de telha, paiol coberto de telha, monjolo coberto de capim, chiqueiro também coberto de telha, com quintal, árvores de espinho, tudo avaliado em seiscentos e cinquenta mil réis – 650\$000, possuíam também a legítima de seu pai José Rodrigues Braga na fazenda do Pinhal da Ibitipoca, desta mesma freguesia e termo, avaliada na quantia de cento e seis mil seiscentos e sessenta e seis réis 106\$666, e uma morada de casas cobertas de telha com cozinha, sitas na mesma paragem avaliada em vinte e quatro mil réis 24\$000. Faleceu Ana Joaquina na mesma fazenda do Salto, em 15 de janeiro de 1815, e tiveram doze filhos:

6.1- Ana Vitória, batizada em 15 de novembro de 1790 na Capela da Conceição de Ibitipoca, foi casada com José Joaquim Correia;

6.2- José Caetano Rodrigues, que segue;



6.3- Rita Caetana de São José, batizada em 23 de dezembro de 1792 na Capela da Conceição de Ibitipoca, com 22 anos no inventário materno;

6.4- Francisco Rodrigues da Cunha, nascido próximo a 1794, com 21 anos no inventário materno, foi casado com sua prima Ana Olina Oloia de São José, conforme já mencionado, e cuja descendência segue acima (6.6 do § 1);

6.5- Manoel Rodrigues, nascido próximo a 1795, com 20 anos no inventário materno;

6.6- Maria Ignácia, nascida próximo a 1797, com 18 anos no inventário materno;

6.7- Antônia Madalena da Cunha,

batizada em 18 de julho de 1799 na Capela de Conceição de Ibitipoca, após terem sido dispensados do impedimento de consanguinidade em 2º grau de linha transversal igual, casou-se em 1822 em Conceição de Ibitipoca, com seu primo José Antônio de Paula, batizado na Capela de Conceição de Ibitipoca em 22 de outubro de 1800, filho de Francisco Rodrigues de Paula e de Constança Claudina da Costa, conforme já mencionado acima (6.2 do § 1);

6.8- Bernardina, batizada em 02 de julho de 1801 na Capela da Conceição de Ibitipoca, com 14 anos no inventário materno;

6.9- Antônio Cassiano, batizado em 24 de agosto de 1803 na Capela da Conceição de Ibitipoca, com 11 anos no inventário materno;

6.10- Umbelina Vitória de São José, batizada na Capela da Conceição de Ibitipoca aos 04 de outubro de 1807, foi casado com seu primo Felício Rodrigues de Paula, batizado na Capela da Conceição de Ibitipoca em 29 de junho de 1802, filho de Francisco Rodrigues de Paula e de Constança Claudina da Costa, conforme já mencionado acima (6.3 do § 1);

6.11- Luísa Lidória de São José, batizada na Capela da Conceição de Ibitipoca aos 13 de abril de 1809, casou-se com seu primo João de Paula Rodrigues, batizado na Capela da Conceição de Ibitipoca em 21 de junho de 1805, filho de Francisco Rodrigues de Paula e de Constança Claudina da Costa, conforme já mencionado acima (6.5 do § 1);

6.12- Joaquim, batizado em 23 de abril de 1812 na Capela da Conceição de Ibitipoca, com 3 anos no inventário materno.

6.2- José Caetano Rodrigues, sua filiação se prova pelo inventário de sua mãe, e pelas várias dispensas matrimoniais que tiraram seus filhos e descendentes, foi batizado em 17 de novembro de 1791 na Capela da Conceição de Ibitipoca. Coronel José Caetano Rodrigues, casou-se nessa mesma capela no ano de 1818 com Antônia Teodora de São José (na foto), em um dos casos mais difíceis de resolver nessa genealogia, a filiação de Antônia Teodora, com informações truncadas, e outras completamente errôneas, com base em inventários, dispensas matrimoniais e cruzamento de dados, foi finalmente possível descobrir que foi batizada na Capela da Conceição de Ibitipoca em 13 de junho de 1798, e era filha do Capitão Manoel Moreira da Silva, nascido em 08 de novembro de 1760 na Capela do Calambau, hoje cidade de Presidente Bernardes/MG, filial da Matriz de Guarapiranga, e de Maria Jacinta da Costa, igualmente nascida em Conceição de Ibitipoca aos 03 de abril de 1767, Maria Jacinta era irmã de Constança Claudina da Costa, ambas filhas de João Rodrigues da Costa e de Felícia Maria da Fonseca como já mencionado; é por intermédio de Manoel Moreira da Silva, que dois filhos de Antônia Teodora, e vários de seus descendentes usarão o sobrenome Moreira. José Caetano e Antônia Teodora foram proprietários da fazenda da Oliveira, no arraial de São Domingos da Bocaina, hoje distrito do município de Lima Duarte, que segundo declaração de José Caetano no registro paroquial de terras em 03 de abril de 1856, era composta de cento e setenta alqueires de cultura, pouco mais ou menos, e que no inventário de Antônia Teodora constou de casa de vivenda, paiol, moinho e senzalas, avaliado em 800\$000, mais as benfeitorias da fazenda que foi de Alexandre Alves, contendo uma casa, moinho, monjolo e paiol, avaliada em 300\$000, mais a terça parte de uma casa no arraial de São Domingos da Bocaina em comum com seus filhos, na quantia de 30\$000, e as terras na fazenda da Oliveira e seus anexos, constando de campos e culturas, avaliadas em 21:000\$000, além de vários animais, utensílios domésticos e doze escravos, ainda na declaração de José Caetano em 1856, disse ter também em comum uma sorte de terras, composta de campos e cultura na fazenda dos Braga. Faleceu Antônia Teodora de São José em sua fazenda, em 14 de novembro de 1880, sendo inventariada no ano seguinte, tiveram dez filhos:

7.1- Carlos José Moreira, nascido em 1º de setembro de 1819 em Conceição de Ibitipoca, após terem sido dispensados do impedimento de consanguinidade em 2º e 3º graus, casou-se em 1844 em Conceição de Ibitipoca com sua prima Ana Joaquina de São José, nascida próximo a 1828, filha de Felício Rodrigues de Paula e de Umbelina Vitória de São José (6.3 do § 1 e 6.10 do § 2), foram moradores na fazenda do Jacob em Barbacena, com grande descendência nessa cidade, e Carlos José em Barbacena faleceu aos 16 de julho de 1884, Ana Joaquina aí também faleceu, sendo sepultada em 13 de março de 1895;

7.2- Ana Cândida de Carvalho, nascida próximo a 1822 em Conceição de Ibitipoca, foi casada com Arcanjo Borges Abrantes, Capitão da Guarda Nacional, e moradores na cidade do Rio Preto;

7.3- Francisco José Moreira, nascido próximo a 1824 em Conceição de Ibitipoca, após terem sido dispensados do impedimento de consanguinidade em 2º e 3º graus, casou-se em 1849 em Conceição de Ibitipoca com sua prima Maria Bernardina de Campos, daí também natural, nascida próximo a 1829, e filha do alferes Manoel Moreira Rodrigues (irmão de Antônia Teodora de São José), e de Bernardina Carolina de São Joaquim (filha de Jacinto Gonçalves Campos e de Luísa Euquéria do Sacramento - 5.13). Faleceu Francisco José em Olaria, sendo sepultado em 31 de janeiro de 1874, e Maria Bernardina aí também faleceu em 21 de janeiro de 1900, foi Francisco José representado no inventário materno por seus dez filhos;

7.4- Maria Carolina da Cunha, nascida próximo a 1826 em Conceição de Ibitipoca, após terem sido dispensados do impedimento de consanguinidade em 2º e 3º graus, casou-se em 1848 em Conceição de Ibitipoca com seu primo José Basílio de Paula;

7.5- Jerônimo Rodrigues de Oliveira, nascido próximo a 1829 em Conceição de Ibitipoca, após terem sido dispensados do impedimento de consanguinidade em 2º e 3º graus, casou-se em 1854 em Conceição de Ibitipoca com sua prima Rita Vitória da Cunha, com descendência;

7.6- Inocência Jesuína da Cunha, nascida próximo a 1830 em Conceição de Ibitipoca, após terem sido dispensados do impedimento de consanguinidade em 2º e 3º graus, casou-se em 1855 em Conceição de Ibitipoca com seu primo Manoel José de Paula, filho de Felício Rodrigues de Paula e de Umbelina Vitória de São José (6.3 do § 1 e 6.10 do § 2). Faleceu Inocência Jesuína em Lima Duarte, aos 25 de agosto de 1916, acometida de "insuficiência das válvulas cardíacas", segundo seu registro de óbito, com descendência;

7.7- Umbelina Josefina da Cunha, nascida em 11 de fevereiro de 1832 em Conceição de Ibitipoca, após terem sido dispensados do impedimento de consanguinidade em 2º e 3º graus, casou-se em 1855 em Conceição de Ibitipoca com seu primo João Caetano Rodrigues, filho de Felício Rodrigues de Paula e de Umbelina Vitória de São José (6.3 do § 1 e 6.10 do § 2). Faleceu Umbelina Josefina em Olaria, em 12 de maio de 1930, com descendência;

7.8- José Rodrigues de Oliveira, nascido próximo a 1835, inventariante de sua mãe, foi casado com Ana Ludovina de Melo, filha do Capitão Francisco Maximiano Alves de Melo e de Inácia Feliciano de Oliveira Galvão de São Martinho, com descendência;

7.9- Gabriela Amélia da Cunha, nascida próximo a 1837, foi casada com Pedro Carlos Gonçalves Franco, com descendência;

7.10- Antônio Carlos de Oliveira, que segue.

7.10- Antônio Carlos de Oliveira, batizado na Capela da Conceição de Ibitipoca em 21 de maio de 1840, é uma das figuras mais emblemáticas nesse ramo familiar, não só por sua vida, mas também por sua memória ainda tão viva entre os descendentes, sem dúvida em razão de sua vida e seus feitos. Nasceu no seio de uma família importante na região de Ibitipoca, porém não tinha herdado grande fortuna, homem inteligente e com tino para os negócios, logo amealhou fortuna em sua terra natal, segundo os manuscritos de Eneida Gomes Flor, sua neta, que chegou a entrevistar muitos parentes que foram próximos a Antônio Carlos, era proprietário das fazendas do Retiro Novo e do Campo na região de Ibitipoca, fazendas com grande movimento, que permitiram que aí Antônio Carlos começasse toda sua trajetória. Homem culto e inteligente, os relatos familiares sempre rememoram que seria bem apessoado, porte nobre, homem de botas pretas como bem disse Helena Teixeira Martins em sua obra "Sedes de Fazendas Mineiras", seria uma verdadeira figura de destaque, política e social em Ibitipoca, e posteriormente em Resende Costa e região, traduzindo bem o exemplo de elite local, uma prova disso, seria seu relacionamento com indivíduos de destaque, incluindo como exemplo, D. Silvério Gomes Pimenta, bispo de Mariana, que aquando de sua passagem pela região de Resende Costa e São Tiago, foi Antônio Carlos encarregado de recebê-lo, e como gratificação, em 1905 mandou o bispo vir de Roma para Antônio Carlos, uma estampa do Papa Pio X, com a bênção apostólica ao próprio, e aos seus parentes até a quarta geração. Visionário, empreendedor, querendo alçar vôos, viu a oportunidade em um anúncio no jornal Arauto de Minas de 04 de março de 1878, que anunciava a venda da já histórica fazenda do Rio do Peixe, propriedade então de Joaquim Pinto Rodrigues Lara, composta de setecentos e cinquenta alqueires de terras, sendo quinhentos de campos, e duzentos e trinta de culturas, além de vinte alqueires de mato virgem; relatos familiares dão conta que a fazenda teria sido comprada por quarenta contos de réis, uma pequena fortuna para a época, visto o tamanho e importância da fazenda, mas que realmente não deveria estar longe desse montante.

Tomando rumo de Resende Costa, a oralidade também afirma que ao chegar na fazenda, causou admiração pela sua imagem e comportamento. Negócio concluído, em algum ponto do ano de 1879, vem com toda sua família e escravos para a nova propriedade, teria mandado construir uma nova sede sobre o antigo casarão, segundo Helena Teixeira Martins, conseguiu construir a casa em curto prazo, se valendo de grande número de empregados e escravos no seu erguimento, pé direito alto, tinha 337 m² de área coberta, ampla e bem arejada, tinha ainda em seu interior uma ermida para seus fins religiosos; sede composta de vasto pátio, quintal, grande pomar muito conhecido pelos seus inúmeros pés de jaboticaba, e com seus muros de pedra, formava o quadro perfeito das grandes fazendas de seu tempo. O movimento deveria ser intenso, não apenas dos escravos, mas também do moinho e engenho, além claro, de toda a movimentação de cultivo e rebanho de animais, a fazenda produziria em larga quantidade cereais, mamona, algodão, mandioca e café, além de queijo, açúcar, manteiga, polvilho e aguardente vendidos em São João del Rei. Foi, portanto, um verdadeiro potentado, e rico em suas virtudes de negócio e trato social, ao final de sua vida, o inventário de sua esposa não deixa mentir todo o seu empenho. Seus bens eram compostos de cento e noventa e oito e meio alqueires de terras de culturas na fazenda do Rio do Peixe, avaliados em 29:775\$000, vinte e meio alqueires de terras de mato virgem na mesma fazenda, avaliados em 4:200\$000, quatrocentos e quatorze e meio alqueires de terras de campos na dita fazenda do Rio do Peixe, avaliados em 49:740\$000, cento e dez alqueires de terras de campos no distrito de São Tiago, comarca de Bom Sucesso em 13:200\$000, oito alqueires de campo em comum no mesmo distrito em 887\$500, meio alqueire e meia quarta de terras de culturas em comum no distrito de São Tiago em 71\$250, sessenta e nove e meio alqueires de terras de cultura divididos no distrito de São Tiago avaliados em 10:425\$000, uma morada de casas, moinho, coberta de carros, paiol e mais casas no curral e quintal sitas no Rio do Peixe avaliadas em 10:000\$000, um engenho de cana com pilões de socar, tachos, alambique, duas pipas, caixões e todos os utensílios do mesmo em 4:000\$000, uma morada de casas com moinho e quintal sitas na comarca de Tiradentes em 2:000\$000, uma morada de casas de retiro nas Capoeiras, comarca de Tiradentes em 25\$000, uma morada de casas no arraial da Lage avaliada em 1:500\$000, uma morada de casas sitas no Córrego Fundo, comarca de Tiradentes com moinho e quintal em 1:000\$000, uma morada de casas no Quebra Cangalha, comarca de Tiradentes em 100\$000, uma morada de casas sitas no Barro Preto, comarca de Tiradentes em 120\$000, uma morada de casas no arraial de São Tiago com quintal avaliada em 1:500\$000, uma morada de casas e moinho no Ouro Fino, no distrito de São Tiago em 800\$000, uma morada de casas com quintal na Serra, distrito de São Tiago em 200\$000, e uma morada de casas e rancho no Córrego Fundo, distrito de São Tiago em 100\$000. O monte-mór do inventário foi de 179:408\$826, uma considerável fortuna, que deveria ser muito maior nos tempos áureos de seu movimento.



Casou-se em 1863, em Conceição de Ibitipoca, após terem sido dispensados do impedimento de consanguinidade em 2º grau de linha transversal igual, com sua prima Ignácia Cassiana da Cunha, nascida em 10 de fevereiro de 1844, e batizada na Capela da Conceição de Ibitipoca em 08 de abril do mesmo ano, era filha do Tenente Francisco Rodrigues da Cunha e de Ana Olina Oloia de São José, conforme já mencionado acima, igualmente nascida no seio de uma importante e rica família da região de Ibitipoca, rumou com seu marido para a nova vida na fazenda do Rio do Peixe, tendo papel fundamental no sucesso dessa saga familiar, legítima matrona aos moldes do século XIX, sua morte foi profundamente sentida pelo seu marido, privado "do convívio íntimo de minha íntima e sempre chorada e lembrada mulher", conforme guardou Eneida em seus manuscritos, por sua vez tirados dos livros de anotações de Antônio Carlos. Faleceu Ignácia Cassiana de hemorragia cerebral conforme seu registro de óbito, em 04 de janeiro de 1899, por sua vez Antônio Carlos faleceu em 07 de agosto de 1910, estando ambos sepultados no cemitério de São Tiago, tiveram quatorze filhos:

8.1- Antônia Amélia da Cunha, nascida em 12 de maio de 1864 em



Conceição de Ibitipoca, filha mais velha de seus pais, testemunha dos dois momentos de vida em Ibitipoca, e em Resende Costa, já nesse último lugar, casou-se em 31 de janeiro de 1883 com Francisco de Souza Resende, daí também natural, nascido em 07 de agosto de 1864, batizado aos 18 dias do mesmo mês, filho de Geraldo de Souza Resende e de Maria Felisberta de Resende. Foram moradores na fazenda da Taquara, herança dos pais de Francisco, onde possuía a fábrica de manteigas, com marca registrada "Altiva". Faleceram ambos em Resende Costa, Francisco em 28 de junho de

1928, e Antônia Amélia aos 02 de março de 1928, com descendência;

8.2- Francisco Rodrigues de Oliveira; nascido em 23 de julho de

1865 em Conceição de Ibitipoca, foi casado 1ª vez em Santa Rita de Ibitipoca aos 11 de dezembro de 1884 com Maria Fonseca de Carvalho, nascida em 12 de agosto de 1865, filha de Prudente Carvalho Duarte e de Francisca Vindilina da Fonseca, segundo seu neto Francisco Rodrigues de Oliveira, em sua obra "Godofredo Rodrigues de Oliveira: seus ancestrais e sua vida", era fazendeiro e laticinista na fazenda da Chácara, em Santa Rita de Ibitipoca, cidade onde desempenhou expressiva participação política, sendo um dos fundadores do Partido Republicano local em 1890, fez parte do corpo de jurados de Barbacena de 1890 a 1895, e presidia o Conselho Distrital de Santa Rita de Ibitipoca em 1898, sua esposa faleceu em 13 de julho de 1900, e Francisco casou-se 2ª vez em 23 de setembro de 1903 com Maria Leonídia Monteiro do Nascimento. Francisco faleceu na sua fazenda da Chácara em 03 de maio de 1912, em seu inventário, constaram 270 alqueires de terra, que deveria ser a metade da fazenda original, já repartida no inventário de sua 1ª esposa, com descendentes desse primeiro casamento;



8.3- José Carlos de Oliveira, nascido em 20 de fevereiro de 1867



em Conceição de Ibitipoca, foi casado com Marcolina Lourdes da Silva, foram moradores na fazenda do Baú, em Conceição da Barra de Minas. Faleceu José Carlos em São João del Rei, em 14 de outubro de 1925, com descendência;

8.4- Ana Cândida da Cunha, nascida em

1º de janeiro de 1869 em Conceição de Ibitipoca, após terem sido dispensados do impedimento de consanguinidade em 2º grau lateral igual, e em 3º grau lateral igual quadruplo de dois troncos, casou-se em 14 de abril de 1888, na fazenda do Rio do Peixe, com seu primo Elóy Praxedes de Braga, filho de João Caetano Rodrigues e de Umbelina Josefina da Cunha (7.7), foram moradores no sítio Califórnia, na região de Juiz de Fora. Faleceu Ana Cândida em Serraria, distrito de Simão Pereira em 14 de fevereiro de 1939, e Elóy Praxedes aí também faleceu em 23 de maio de 1940, com descendência;



8.5- Blandina Augusta de Oliveira, nascida aos 24 de agosto de 1870 em Conceição de Ibitipoca, casou-se em 14 de abril de 1888, na fazenda do Rio do Peixe, com José Dâmaso da Silva, foram moradores na fazenda Fortaleza. Faleceu Blandina Augusta em 30 de junho de 1917 em Ritópolis, com



descendência;

8.6- Borsiliza Augusta de Oliveira, nascida em 29 de janeiro de 1872 em Conceição de Ibitipoca, segundo os manuscritos de Eneida, na infância sofreu uma grave queda, que a fez sofrer traumatismo craneano com sequelas, e necessitou sempre de cuidados especiais, sendo que após a morte de seus pais, ficou em companhia de seu irmão Marcos na fazenda Casa Nova. Faleceu em 21 de março de 1922, sendo sepultada em São Tiago;



8.13- Isaltina Augusta de Oliveira, nascida na fazenda do Rio do Peixe em 06 de abril de 1886, e batizada em São Tiago em 17 de maio do mesmo ano, foi casada com Ciro da Silva, e moradores na fazenda do Penedo em Resende Costa. Faleceu Isaltina Augusta em 27 de maio de 1944, com descendência;



8.14- Maria José de Oliveira, nascida na fazenda do Rio do Peixe em 13 de dezembro de 1887, aí também batizada em 27 de janeiro de 1888, casou-se na capela da fazenda em 16 de dezembro de 1905 com Aristides Batista Gomes, nascido em 15 de dezembro de 1885 em Resende Costa, filho de João Batista Gomes e de Francisca Maria da Conceição, foram inicialmente moradores na fazenda do Rio do Peixe, herdada de seu pai, onde residiu até 1930, ano em que a venderam ao seu irmão Marcos, e se mudaram para a fazenda da Grama, próxima ao povoado de Aureliano Mourão, em Bom Sucesso. Aristides faleceu em Bom Sucesso em 12 de julho de 1961, e Maria José aí também faleceu em 21 de julho de 1962, com descendência.

E são de todos esses ramos, e principalmente dos filhos de Antônio Carlos e Ignácia em nossa região, que a genealogia de toda essa gente se espalha pelo mundo, pois que a história não é feita apenas de grandes nomes e grandes acontecimentos, mas também de pessoas comuns, e que não notam, mas carregam no sangue, a história de uma longa linhagem, carregada de eventos históricos que urdiram o dia-a-dia de cada uma dessas pessoas, e que graças a elas, foi possível estarmos aqui, hoje, as revivendo e resgatando do pó do tempo suas memórias!

ARQUIVO Histórico Municipal Professor Altair José Savassi (ACAHM-PAS). Barbacena.

ARQUIVO Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). São João del Rei.

FAMILY SEARCH. Arquivos paroquiais de Aiuruoca e capelas filiadas. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/search/image/index?owc=M5F2-PTG%3A369703301%2C369593702%3Fcc%3D2177275>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

FAMILY SEARCH. Arquivos paroquiais de Barbacena e capelas filiadas. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/search/image/index?owc=M5F2-VZS%3A369591901%2C369591902%3Fcc%3D2177275>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

FAMILY SEARCH. Arquivos paroquiais de São Tiago. Disponível em: <<https://familysearch.org/search/image/index?owc=M5FC-JWG%3A370675101%2C370675102%3Fcc%3D2177275>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

MARTINS, Helena Teixeira. Sedes de Fazendas Mineiras: Campos das vertentes séculos XVIII e XIX. Belo Horizonte, BDMG Cultural, 1998. 255 p.

OLIVEIRA, Francisco Rodrigues de. Godofredo Rodrigues de Oliveira: seus ancestrais e sua vida. Barbacena: Edição do Autor, 2005.

PROJETO COMPARTILHAR. Inventários e Testamentos do Sul de Minas Gerais. Disponível em: <<http://projetocompartilhar.org/>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

TOMBO. Arquivos paroquiais de Nossa Senhora da Conceição, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira. Disponível em: <https://tombo.pt/figh04>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

TOMBO. Arquivos paroquiais de Nossa Senhora da Piedade, Lajes do Pico, Ilha do Pico. Disponível em: <<https://tombo.pt/figp03>>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

8.7- Marcos de Oliveira Braga, nascido em 26 de janeiro de 1874 em Conceição de Ibitipoca, foi abastado fazendeiro na região de São João del Rei, proprietário da fazenda Casa Nova, casou-se na fazenda do Catimbau em Resende Costa, aos 23 de janeiro de 1895 com Maria da Conceição de Resende, filha do Tenente-coronel Geraldo Pinto de Resende e de Francisca de Paula Monteiro de Resende. Faleceu Marcos em São João del Rei em 09 de novembro de 1951, com descendência;



8.8- Evaristo Augusto de Oliveira, nascido em Conceição de Ibitipoca em 16 de novembro de 1875, casou-se em Resende Costa aos 15 de outubro de 1898, com Maria da Trindade de Resende, natural de Resende Costa, filha do Tenente-coronel Geraldo Pinto de Resende e de Francisca de Paula Monteiro de Resende, foram moradores na fazenda das Candeias, em São Sebastião do Gil, distrito de Desterro de Entre Rios, onde Evaristo Augusto faleceu em 1º de outubro de 1940, com descendência;



8.9- Umbelina Balduína da Cunha, nascida em Conceição de Ibitipoca aos 20 de janeiro de 1878, a última filha a nascer em Ibitipoca, segundo ainda Eneida em seus manuscritos, estudava em internato em Mariana, e passou a ter surtos de desequilíbrio mental, na ausência de seus pais, foi tutelada por sua irmã Antônia Amélia, e na sua falta, após sua morte, viveu no albergue de idosos em São João del Rei, onde faleceu em 20 de dezembro de 1939;



8.10- Maria Augusta de Oliveira, nascida em 14 de junho de 1880 na fazenda Rio do

Peixe, batizada em 15 de agosto do mesmo ano em São Tiago, foi a primeira dos filhos a nascer na fazenda do Rio do Peixe, casou-se em Resende Costa em 27 de abril de 1898 com Geraldo de Souza Resende, daí natural, filho de Antônio Pinto de Assis Resende e de Maria da Glória de Resende, foram moradores na fazenda Córrego Fundo em Resende Costa. Faleceu Maria Augusta em São Tiago, em 13 de março de 1918, com descendência;



8.11- Américo Augusto de Oliveira, nascido em 20 de junho de 1882 na fazenda do Rio do Peixe, e batizado em 26 de julho do mesmo em São Tiago, rico fazendeiro, casou-se em Passa Tempo, em 27 de abril de 1904 com Iracema Ferreira Leite, filha de Francisco Gabriel Gonçalves Leite e de Maria Olímpia Ferreira Leite, foram moradores na fazenda Primavera em Passa Tempo. Faleceu Américo Augusto em Belo Horizonte, em outubro de 1949, com descendência;



8.12- Belizário Rodrigues de Oliveira, nascido na fazenda do Rio do

Peixe em 19 de abril de 1884, e batizado em São Tiago em 29 de maio do mesmo ano, segundo Eneida, sofreu meningite na infância, e por vezes tinha crise de tremores compulsivos e memória deficiente, foi tutelado por seu irmão Marcos. Faleceu em 13 de fevereiro de 1950 em São Tiago e foi sepultado no dia seguinte;



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Mariana.

ARQUIVO Histórico Municipal Professor Altair José Savassi (ACAHM-PAS). Barbacena.

ARQUIVO Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). São João del Rei.

FAMILY SEARCH. Arquivos paroquiais de Aiuruoca e capelas filiadas. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/search/image/index?owc=M5F2-PTG%3A369703301%2C369593702%3Fcc%3D2177275>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

FAMILY SEARCH. Arquivos paroquiais de Barbacena e capelas filiadas. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/search/image/index?owc=M5F2-VZS%3A369591901%2C369591902%3Fcc%3D2177275>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

FAMILY SEARCH. Arquivos paroquiais de São Tiago. Disponível em: <<https://familysearch.org/search/image/index?owc=M5FC-JWG%3A370675101%2C370675102%3Fcc%3D2177275>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

MARTINS, Helena Teixeira. Sedes de Fazendas Mineiras: Campos das vertentes séculos XVIII e XIX. Belo Horizonte, BDMG Cultural, 1998. 255 p.

OLIVEIRA, Francisco Rodrigues de. Godofredo Rodrigues de Oliveira: seus ancestrais e sua vida. Barbacena: Edição do Autor, 2005.

PROJETO COMPARTILHAR. Inventários e Testamentos do Sul de Minas Gerais. Disponível em: <<http://projetocompartilhar.org/>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

TOMBO. Arquivos paroquiais de Nossa Senhora da Conceição, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira. Disponível em: <https://tombo.pt/figh04>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

TOMBO. Arquivos paroquiais de Nossa Senhora da Piedade, Lajes do Pico, Ilha do Pico. Disponível em: <<https://tombo.pt/figp03>>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

HISTÓRIA DE NOSSO PAÍS

Quantos lúcidos autores tem se debruçado sobre a história de nosso País, a formação de nossa cidadania, uma nação de raízes colonizadas, o extermínio de nossos povos ameríndios, as dores africanas, lancinantes furores escravagistas; a marca, marcha pelo exercício de direitos, duramente conquistados, tão ínfimas continuidades, quão abissais descontinuidades e rupturas. Ai estão, dentre os nomes mais recentes de pesquisadores: Sérgio Buarque de Holanda, Evaldo Cabral, José Murilo de Carvalho, Alberto Costa e Silva, Ângela Castro Gomes.

O espanto por vermos um País de mestiços (fruto da miscigenação inicial de portugueses, ameríndios e africanos), onde a colonização liquidou populações nativas inteiras, estabelecendo férrea exclusão social. O senhor feudal mudara-se de continente, de trópico, de roupage. O escravagismo gerou uma sociedade discriminatória, racista, violenta. País onde o latifúndio, o império do dinheiro, do mandonismo, dos donos do Estado – Colônia, Império e República - promoveram, continuam promovendo uma sociedade de alienados, de servos secularmente explorados. A Lei Áurea em nada mitigaria os problemas sociais, porquanto não se privilegiou a inclusão social dos ex-escravos. Mesmo porque a República, substituta do Império, permaneceu sob o poder oligárquico, plutocrático, cleptocrático, do qual não nos desvencilhamos até os dias de hoje. E não o conseguiremos tão cedo...

O diplomata Alberto Costa e Silva, grande estudioso da África, em sua obra “Esse rio chamado Atlântico” diz; “cada brasileiro carrega dentro de si um escravo”. Daí ser nossa história, desde o início da colonização, vigendo até os dias atuais, um conjunto de motins, insatisfações, rebeliões, indignações. Os espoliados jamais deixaram de reivindicar seus direitos e o fazem até os dias atuais. Minas Gerais, principalmente, sempre foi um celeiro de descontentamentos, sedições. “No final do século 18, palavras como revolução, motim, rebelião e sedição começaram a fazer parte do vocabulário cotidiano, anunciando muita comoção e grandes doses de mudanças” (Lilia Schwarcz & Heloisa Starling – “Brasil, uma biografia”).



A história, que nos é ensinada, via de regra é fraudada, forjada. A verdade sempre nos foi – e é – ocultada e assim, nos inserimos num presente periférico, nos expomos a um futuro vazio, a um vácuo de símbolos alienantes, de censuras institucionalizadas. Os caminhos, que nos conduzem à verdade, são tortuosos, eivados de lacunas, fragmentos, violências, repressões. Na verdade, vivemos institucionalmente, desde os primórdios, entre a pilhagem e a loucura...

Vivemos, convivemos em tribunais vivenciais, onde as forças do atraso e da liberdade se atacam, se debatem, em psicodramas que se arrastam impetuosos, rompendo as fronteiras dos séculos. São linhas de construção civilizatória, onde as realidades, as vivências se corporificam, ganham visibilidade, presença, personificação, coloração, conformação. A luta entre democracia e a tirania, entre a ética e a improbidade, espiritualidade e animalidade...



QUEM AGUENTA ?

Um pequeno produtor rural de nosso meio desfilava suas queixas em uma roda de conhecidos. Queixava-se ele e com a mais justa razão: as estradas que já são habitualmente precárias (não recebem a devida conserva pelo Poder Público) degradingaram de vez com as últimas e pesadas chuvas de final do ano. O preço do leite despencou, caindo quase 50% de um mês para o outro, tornando inviável e desesperadora a atividade. Aliás, uma pergunta: quem está por trás da fixação do preço do leite? Por que tamanha extorsão ao produtor rural? Teve que dispensar um ajudante assalariado que contratara há cerca de seis meses. Ao fazer o acerto (rescisão contratual) quase teve uma síncope – os encargos rescisórios como aviso prévio, férias, 13º, FGTS etc chegaram a mais de 4 mil reais. Estarrecedores são, como todos sabemos, os ônus sobre o empregador brasileiro!

Outro cidadão, ali presente, relatou toda sua indignação. Proprietário de pequena oficina, com alguns funcionários, teve a amarga surpresa de comprovar fraudes e graves deslizes por parte de um dos trabalhadores. Analisou a possibilidade de demissão por justa causa, sendo desaconselhado pelo contador da firma e por um advogado amigo. Praticamente impossível no Brasil demitir um funcionário por justa causa, amparado esse por um poderoso escudo sindical-legal. Ao proceder então a dispensa (sem justa causa) estarrecceu-se com os custos. Funcionário com cerca de 18 meses de serviço, levou-lhe mais de R\$ 16 mil reais, tendo o empregador que recorrer a empréstimo junto a instituição financeira. A revolta do empregador justificava-se, segundo ele, além dos prejuízos que tivera (subtração de ferramentas e peças, recebimento “por fora” e cooptação de clientes) e do vultoso desembolso feito quando da rescisão contratual, o “esperto” ex-funcionário abria uma oficina concorrente do outro lado da rua...

Com uma legislação que penaliza sobremaneira o empregador (visto como vilão pelos legisladores e sindicalistas), hostilizado pelo Estado, a esperança é de que a administração federal e o parlamento proponham mudanças que flexibilizem e estimulem as negociações diretas entre as partes sem a massacrante interferência estatal...



DE LOTEAMENTOS E INSPECÇÕES SANITÁRIAS

Ouve-se dizer – e os fatos parecem confirmar – que certos loteamentos locais não reservam áreas verdes, bem como sistemas de lazer, área de APP, as ruas visivelmente estreitas, nascentes loteadas, leitos de rios ocupados ou soterrados etc.

Em conversas com autoridades e ainda de posse da cópia de lei que aprovou um dos loteamentos, lá constam “bonitinho”, no papel, “no figurino”, as áreas reservadas para lazer, APP, área verde, etc. Informam ainda as autoridades que os loteamentos estão suspensos, sem a concessão de alvará e por aí afora. Ou seja, as mãos lavadas, balelas, enrolação...

Com ou sem alvará, as pessoas proprietárias dos lotes – inclusive autoridades – constroem casarões visíveis, ostensivas mansões... Quem confere isso? Se não tem alvará, se a empresa loteadora não cumpriu cláusulas legais, alguns projetos, diz-se, sob avaliação judicial, não deveriam estar interditados?! Ou então regularizados?!

Pelo contrário, novos lotes continuam sendo vendidos, máquinas são vistas abrindo novas ruas, até soterrando áreas de preservação permanente etc. Isto nos loteamentos já em andamento. Enquanto isto, novos loteamentos estão sendo anunciados.

Pergunta-se, uma vez mais: Quem confere? Quem faz cumprir a lei? Onde a Municipalidade? Ou, afinal, de quem é a competência de quem a avaliação técnica, fiscalização e acompanhamento dos projetos?

Corre já à boca pequena que as crianças moradoras de alguns loteamentos (bairros em formação) estarão dispensadas da escola, nascerão todas sábias; que ninguém adoecerá, ninguém se cansará – porquanto os espaços reservados ali para escolas, postos de saúde, praças e demais áreas de lazer são diminutos, ou talvez nem existam... É aprovados pelos poderes constituídos do município!

Uma sugestão: Por que a Câmara Municipal não exige do Executivo e/ou das empreiteiras/proprietários dos lotes um relatório mensal circunstanciado destes loteamentos? (quem comprou, quem está construindo, se há alvará para construção, se há isolamento das áreas verdes, APP e de lazer para evitar ali invasão de terceiros ou o “mascaramento” destas áreas etc.). **AÇÃO!!!**

Assim inibiremos que loteadores façam e se tornem a lei, aproveitando-se a inércia das autoridades “aéreas”, do famoso “nóis num ajeita”, como diziam “Tonico e Tinoco”, antigos e pitorescos moradores da cidade.

INSPECÇÕES SANITÁRIAS

Causa perplexidade a atitude da fiscalização em interditar indústrias de alimentos, produtores rurais, como aconteceu há algum tempo, lançando nos esgotos e aterro municipal uma quantidade imensa de doces, lácteos nas mais perfeitas condições de consumo. Prejuízos para todos: desemprego de funcionários, fornecedores, geralmente pequenos produtores rurais, sem onde entregar a matéria prima ex.: (leite) Lembrando que já há legislação que permite a produção artesanal de queijos e derivados!

Alegação do fiscal: falta do SIM-Serviço de Inspeção Municipal. Ora, a Lei Orgânica Municipal é clara: Art. 511 – Compete ao Município no âmbito do sistema de saúde, além de outras atribuições previstas em lei federal: VI – fiscalizar e inspecionar alimentos compreendido o controle de seu teor nutricional, bebidas e águas para consumo humano. O art. 178 diz: O Município adotará instrumentos para: III – fiscalização e controle de qualidade, higiene, preços, pesos e medidas dos bens e serviços produzidos e comercializados em seu território.

Ora, uma cidade com a tradição secular de alimentos, necessita contar com um órgão, não para se omitir ou perseguir, mas para orientar e apoiar os empreendimentos econômicos locais, em es-



pecial à microempresa e empresa de pequeno porte, que geram empregos, renda, tributos, etc.

Uma omissão imperdoável, inaceitável! Volta-se à antiga pergunta: Onde está o Poder Público?

INTERNET/DIVULGAÇÃO

Cantigas e Brincadeiras de Rua

É bom saber que alguém, em algum lugar, observa, está à escuta, conversa, se sensibiliza, registra, recolhe brincadeiras e cantigas que formam/constituem a mais valiosa tradição cultural brasileira e mesmo de outros povos e países.

Repertórios de cantigas e cenografias, oriundos da alma genuinamente popular, que nos levam, nos levam ao lúdico, à musicalidade, à fantasia, à alegria, à visualidade, à imaginação. Uma extraordinária, peculiar expressão humana e nacional. Experiências folclóricas, criativas que atra-



1 BIMBORÃO DA CRUZ (Dominio popular)

Oh, Bimborão da Cruz
Por aqui quero passar
Por aqui eu passarei
E a menina deixarei

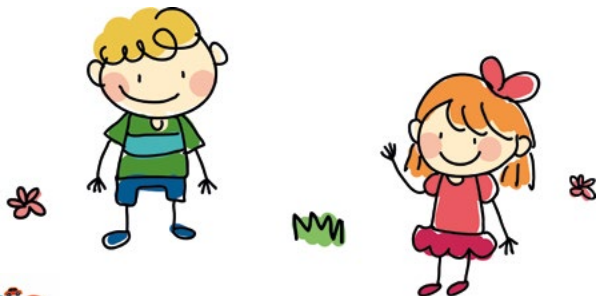
Qual delas será
A da frente ou a de trás
A da frente corre muito
A de trás ficará

Passa daqui
Passa dali
A última há de ficar
A última há de ficar

Garfo ou colher?

(Ao se iniciar o jogo, duas crianças deverão escolher uma senha – no caso “garfo e colher” – de forma a montarem, atrás de si, uma sequência de brincantes que serão “presos” durante a brincadeira. As duas farão uma ponte com os braços erguidos à altura da cabeça e as mãos dadas para que, em fila, o grupo passe por embaixo enquanto cantam. Na última estrofe, quando cantam “a última há de ficar”, as duas crianças, que formam a ponte, devem prender aquela que está passando naquele momento na fila. Aquela que ficou presa deve escolher entre “garfo” e “colher” e então sair do grupo para formar uma outra fila atrás da ponte, do “garfo” ou “colher”. Vencerá o jogo o grupo que tiver o maior número de brincantes nas filas formadas.

Trata-se de jogo, muito comum na região de Campinas/SP, em que se conciliam movimento corporal (correr na roda, passar no túnel ou ponte, cantar) com trabalho espacial-temporal. As crianças, ao ficarem presas durante o percurso, ou seja um efeito de causalidade, busca(rão) estratégias para não serem pegas ou ainda para serem capturadas mais rapidamente, desenvolvendo-se a inteligência.



2 PENEIROU PENEIRA (Dominio Público)

Peneirou peneira
Peneirou no ar
Eu nasci pra te amar
Vem pra roda vem dançar

Por isso Dona Alessandra
Faça o favor de entrar na roda
Diga um verso bem bonito
Diga adeus e vá embora

Versos:
Em cima daquele morro
Passa boi passa boiada
Também passa uma moreninha
De cabelo enrolado

Joguei uma pedra n'água
De pesada foi ao fundo
Os peixinhos me disseram
Não maltratam nosso mundo

Sete e sete são quatorze
Com mais sete vinte e um
Tenho sete namorados
Mas não gosto de nenhum
Fui passar na pinguelinha
Chinelinho caiu do pé
Os peixinhos reclamaram
Que cheirinho de chulé

Se eu soubesse escrever n'água
Como escrevo no papel
Escreveria o seu nome
Na pedra do meu anel

(Trata-se de uma brincadeira onde há a possibilidade da expressão e exposição individual, permitindo à criança se desinibir, se descontrair e pode ser útil na alfabetização, possibilitando desenvolvimento de frases, formação de versos etc) Ver cantigas de igual padrão rítmico, de linguagem (letra), musicalidade – “A maré encheu”, “Marinheiro chora” etc.



3 TÁ CAINDO FULÔ / Ó FLOR, Ó LINDA FLOR

Tá caindo fulô
Êh! Tá caindo fulô (2x)
Lá do céu
Cá na terra
Êh! Tá caindo fulô (2x)

Ó flor, ó linda flor (2x)
Ó flor, vem cá
Ó flor, ó linda flor
Olê, olê, olê, olá

Senhora Dona Aurora
Entre dentro dessa roda
Diga um verso bem bonito
Dê adeus e vai embora

Atirei, não atirei
Atirei, cai no chão
Atirei naquela ingrata
Na raiz do coração

Ó flor, ó linda flor
ó flor, vem cá
ó flor, ó linda flor
olê, olê, olê, olá

Senhora Dona Tati
Entre dentro dessa roda
Diga um verso bem bonito
Dê adeus e vai embora

Passarinho do coqueiro
Sabiá de beira-mar
Pensamentos de meu bem
Eu não posso adivinhar

Ó flor, ó linda flor
Ó flor, vem cá
Ó flor, ó linda flor
Olê, olê, olê, olá



Esta brincadeira é uma fusão de duas cantigas de tradição oral. A roda é formada com a canção “Tá caindo fulô”. (Essa canção faz parte da congada, tipo de dança dramática que representa a coroação de um rei ou rainha do Congo) Os participantes cantam em fila, fazendo movimentos com os braços para cima e para baixo, apontando o céu e a terra, conforme indica a letra. Formam uma roda, iniciando-se com a canção “Ó flor, ó linda flor”, onde todos cantam juntos o primeiro verso. Na parte que diz “senhora Dona Aurora” chama-se o nome de um integrante, que entrará na roda e declamará um verso (decorado ou inventado para todos os participantes da roda).



4 MINHA FLOR DA CHINA

Minha flor da China
Minha namorada
Minha borboleta
De asa dourada (2x)

Um, dois, três
Quatro, cinco, seis
Sete, oito, nove
Para doze faltam três

Minha flor da China
Minha namorada
Minha borboleta
De asa dourada

Quem me dera, dera, dera
Quem me dera, só pra mim
Receber do meu amor
Um galhinho de jasmim

Minha flor da China
Minha namorada
Minha borboleta
De asa dourada

A lua é vem saindo
Por detrás de um pé de flor
Não é lua não é nada
É um beijo de amor

Minha flor da China
Minha namorada
Minha borboleta
De asa dourada

Em roda, de mãos dadas, os participantes cantam a melodia e podem, de forma criativa, espontânea, improvisada, recitar versos acompanhando o ritmo e estilo da música e da letra da canção. Podem ainda imitar e recriar gestos, propiciando sequências rítmicas que aumentem o nível da brincadeira, podendo-se, ademais, explorar aspectos geográficos e até humanos sobre a China. Uma forma de se trabalhar o conhecimento social, levando os brincantes a descobrirem os hábitos de lugares como a China e de construção de noções espaciais, sociais e temporais.

**MARINHEIRO CHORA**

Marinheiro chora
Tin do lê lê
Nas ondas do mar
Tin do lê lê lá lá (2x)

Quem quiser casar comigo
Tin do lê lê
Vá pedir pra meu parente
Tin do lê lê lá lá
Casamento é muito bom
Tin do lê lê
Só dá febre e dor de dente
Tin do lê lê lá lá

Marinheiro chora
Tin do lê lê
Chora nas ondas do mar
Tin do lê lê lá lá (2x)

Com a ponta eu sinto a terra
Tin do lê lê
Com o dedo eu sinto o chão
Tin do lê lê lá lá
Piso sempre devagar
Tin do lê lê
Para não cair em vão
Tin do lê lê lá lá

Marinheiro chora
Tin do lê lê
Chora nas ondas do mar
Tin do lê lê lá lá (2x)

Trata-se de uma melodia animada, engraçada. Em roda, de mãos dadas, todas as crianças giram e cantam o refrão. Alguém, em seguida, joga (recita) um verso, sempre mantendo a melodia e o ritmo da música.

**AS FLORES JÁ NÃO CRESCEM MAIS (Dominio público)**

As flores já não crescem mais
Até o alecrim murchou

O sapo se mandou
O lambari morreu
Porque o ribeirão secou

O sapo se mandou
O lambari morreu
Porque o ribeirão secou

Ô tralalalalala ô
Ô tralalalalala ô
Ô tralalalalala ô
Ô tralalalalala ô
Ô tralalalalala ô

Para essa cantiga, de consideráveis efeitos físicos e visuais, as crianças devem estar em círculo para que uma possa ver a outra. A canção é imitativa, criativa e seus gestos criados espontaneamente, representando e evocando as situações e objetos nela manifestados/mencionados. Pode-se trabalhar, outrossim, aspectos ecológicos, respeitado o nível etário e assimilativo dos brincantes.

**LAGARTA PINTADA (Dominio público)**

Lagarta pintada
Quem foi que te pintou
Foi uma menina que aqui passou

No tempo das areias
Levanta poeira
Pega essa menina pela ponta da areia

Tal qual acontece nas fórmulas de escolha, elege-se um líder para comandar a brincadeira. Em círculo, todos os brincantes ficam de pé com as duas mãos fechadas direcionadas para a frente. Com as mãos fechadas, deixam expostas a frente do corpo para que o líder passe batendo nelas, seguindo todo o círculo, acompanhando-se a pulsação (tempo) da música, até que a música pare dizendo "pegue esse(a) menino(a) pela ponta da orelha". A última criança, então, a levar o toque nas mãos deverá pegar na orelha do colega que fica do mesmo lado da mão tocada. Segue a brincadeira até que todas as crianças estejam presas pela orelha, momento em que todas cantam girando a roda, e no final, agacham-se, desmontando a corrente.

Eis uma brincadeira que propõe uma marcação rítmica constante, levando os brincantes a manterem uma pulsação (ritmo e tempo) fixa durante os toques realizados pelo líder. Poderão ser explorados elementos essenciais musicais como: tempo (marcação constante), algumas propriedades do som (cantando grave ou agudo), intensidade (cantando fraco ou forte), duração (cantando devagar ou rápido) etc.

**A MARÉ ENCHEU**

A maré encheu
A maré vazou
Os cabelos da morena
O riacho carregou (2x)

Sete e sete são quatorze
Com mais sete vinte e um
Tenho sete namorados
Mas não caso com nenhum

A maré encheu
A maré vazou
Os cabelos da morena
O riacho carregou (2x)

Essa noite eu tive um sonho
Sonho de muita alegria
Que me casavam à força
Com quem eu muito queria

A maré encheu
A maré vazou
Os cabelos da morena
O riacho carregou (2x)

Em cima daquele morro
Tem um velho gaioleiro
Quando vê moça bonita
Faz gaiola sem poleiro

A maré encheu
A maré vazou
Os cabelos da morena
O riacho carregou (2x)

Eis uma canção, cujo refrão é muito lírico, que brinca e envolve dois estilos: o poético e o engraçado. Em roda, de mãos dadas, as crianças cantam a canção e os participantes podem improvisar versos, sempre acompanhando a melodia e o ritmo da música (Ver Cantiga "Peneirou peneira")

**SINHÁ MARRECA**

Lá vem a Sinhá Marreca
Com seu samburá na mão (bis)

Ela disse que vem vendendo
Empadinhas de camarão (bis)

A velha entrou na igreja
Com seu samburá na mão

A velha saiu da igreja
Com seu samburá na mão

Chorando porque não tinha
Nem padre nem sacristão (bis)

As crianças dão-se as mãos e formam uma roda. Uma delas é escolhida para ser a Sinhá Marreca; outras duas, que irão representar a igreja, dão-se as mãos, com os braços levantados. A igreja pode ser coberta por um tecido leve, comprido, formando uma espécie de cabana. Ao se iniciar a canção, Sinhá Marreca entra na roda com o samburá (cesto bojudo de cipó ou taquara) nas mãos, dançando como uma velhinha e ofertando suas empadinhas aos demais participantes da brincadeira. Sinhá Marreca entra na igreja; não encontra nem o padre nem o sacristão e sai chorando. Então trocam-se os personagens e a brincadeira continua.

**BATE O MONJOLO**

Bate o monjolo no pilão
Pega a mandioca prá fazer farinha
Onde foi parar meu tostão ?
Ele foi para a vizinha



Os participantes, em roda, colocam a mão direita em forma de pinça sobre a mão esquerda (em forma de conchinha) Inicia-se a canção, batendo-se a mão direita sobre a mão esquerda, marcando-se a pulsação da música (ritmo) Todos, ao mesmo tempo, batem a mão direita sobre a mão esquerda do colega da direita. Movimento contínuo, concomitante, acompanhando o ritmo da música que lembra a batida de um monjolo.

A brincadeira consiste em passar uma moeda de mão em mão. Com a mão direita pega-se a moeda e a coloca na mão esquerda do jogador (participante) que está à sua direita e assim prossegue a brincadeira, até que um dos brincantes, previamente escolhido, entra na roda e tenta descobrir com quem está a moeda, enquanto ela passa de mão em mão. Quando o jogador achar que sabe onde está a moeda, ele aponta para a pessoa e a roda e a música param; se ela estiver com a moeda, eles trocam de lugar. Recomenda-se que o grupo combine com o jogador quantas vezes ele pode tentar adivinhar com quem está a moeda.

Há uma variante (variação) desta brincadeira, utilizando-se bolinha de tênis. Cada participante deve ter consigo uma bolinha de tênis ou de borracha. Ao começar a música, bate-se com a bolinha no chão, seguindo o compasso da canção como aparece, em maiúsculas, no exemplo a seguir:

BATE o monjolo NO pilão
Pega a mandioca prá fazer farinha
Onde foi parar meu tostão?
Ele foi para A vizinha

A segunda etapa da brincadeira consiste em todos os participantes passarem a bolinha batendo no chão para o colega que se encontra à direita, todos ao mesmo tempo.

Sobre cantigas de rua, brincadeiras infantis ver matérias em nosso boletim nºs: LXX julho/2013; LXXVI - janeiro/2014; XCV - agosto/2015 e CIV maio/2016.



A FLAUTA E O SABIÁ

Em rico estojo de veludo, pousado sobre uma mesa de xarão, jazia uma flauta de prata. Justamente por cima da mesa, em riquíssima gaiola suspensa ao teto, morava um sabiá. Estando a sala em silêncio e descendo um raio de sol sobre a gaiola, eis que o sabiá contente modula uma ária.

Logo a flauta escarninha, põe-se a casquinar no estojo como a zombar do módulo cantor silvestre.

- De que te ris ? – indaga o pássaro. E a flauta em resposta:
 - Ora esta! – pois tens coragem de lançar guinchos diante de mim ?
 - E tu quem és ? ainda que mal pergunte
 - Quem sou ? Bem se vê que és um selvagem. Sou a flauta. Meu inventor, Marsias, lutou com Apolo e venceu-o. Por isso, o deus despeitado o imolou. Leia os clássicos...

- Muito prazer em conhecer... Eu sou um misero sabiá da mata, pobre de mim! Fui criado por Deus muito antes das invenções. Mas deixemos o que lá se foi. Dize-me: que fazes tu ?

- Eu canto
 - O ofício rende pouco. Eu que o diga que não faço outra coisa. Deixarei, todavia, de cantar – e antes nunca houvesse aberto o bico porque, talvez, sendo mudo, não me houvessem escravizado se, ouvindo a tua voz, convencer-me de que és superior a mim. Canta! Que eu aprecie o teu gorjeio e farei como for de justiça

- Que eu cante ?!...
 - Pois não te parece justo o meu pedido?
 - Eu canto para regalo dos reis nos paços; a minha voz acompanha hinos sagrados nas igrejas...O meu canto é a harmoniosa inspiração dos gênios ou a rapsódia sentimental do povo

- Pois venha de lá esse primor. Aqui estou para ouvir-te e para proclamar-te, sem inveja, a rainha do canto
 - Isso agora não é possível
 - Não é possível, por quê ?
 - Não está cá o artista
 - Que artista ?
 - O meu senhor, de cujos lábios sai o sopro que transformo em melodia. Sem ele, nada posso fazer.

- Ah! É assim ?
 - Pois como há de ser ?
 - Então, minha amiga – modéstia à parte – vivam os sabiás! Vivam os sabiás e todos os pássaros dos bosques, que cantam quando lhes apraz, tirando do próprio peito o alento com que fazem a melodia. Assim da sua vanglória há muitos que se ufanam. Nada valem se os não socorre o favor de alguém; não se movem se não os amparam; não cantam se lhes não dão sopro; não sobem se não os empurram. O sabiá voa e canta – vai à altura porque tem asas, gorjeia porque tem voz. E sucede sempre serem os que vivem do prestígio alheio os que mais alegam triunfos. Flautas, flautas...cantam nos paços e nas catedrais...pois venha dai um duelo comigo...

E, ironicamente, a toda a voz, pôs-se a cantar o sabiá e a flauta de prata, do estojo de veludo...moita! Faltava-lhe o sopro.

(Coelho Neto)

PARÁBOLA DAS ROUPAS VELHAS

Certa feita, Syamavati, a rainha consorte do rei Udayana, ofereceu quinhentas peças de roupas a Ananda, que as aceitou com grande júbilo. O rei, tomando conhecimento do ocorrido e suspeitando de alguma desonestidade por parte de Ananda, perguntou-lhe o que ele iria fazer com essas quinhentas peças de roupas.

Ananda respondeu-lhe: - “Ó, meu rei, muitos irmãos estão em farrapos e eu vou distribuir estas roupas entre eles” Estabeleceu-se, dessa forma, o seguinte diálogo:

- O que farão com as velhas roupas?
 - Faremos lençóis com elas
 - O que farão com os velhos lençóis?
 - Faremos fronhas
 - O que farão com as velhas fronhas?
 - Faremos tapetes com elas
 - O que farão com os velhos tapetes?
 - Usá-los-emos como toalhas de pés
 - O que farão com as velhas toalhas de pé?
 - Usá-las-emos como panos de chão
 - O que farão com os velhos panos de chão?
 - Sua Alteza, nós os cortaremos em pedaços, misturá-los-emos com barro e usaremos para rebocar as paredes das casas.

Lição: Devemos usar, com cuidado e de forma proveitosa, todo artigo que nós for confiado, pois não é “nosso” e nos foi confiado temporariamente. E dele devemos prestar contas. O que ganhamos, deve ser compartilhado com os outros. Nada no mundo pode ser considerado como “meu”, não devendo, por isso mesmo, ser utilizado egoisticamente ou para indignos propósitos.

(Da Tradição Budista)

